

JOANA GOMES PEREIRA

ÉS TÃO BONDOSO QUANTO DIZES SER?

O USO DE MEDIDAS DE AUTORRELATO E DE DESEMPENHO

PARA AVALIAR A EMPATIA NA *DARK TETRAD*



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2021

JOANA GOMES PEREIRA

ÉS TÃO BONDOSO QUANTO DIZES SER?

O USO DE MEDIDAS DE AUTORRELATO E DE DESEMPENHO
PARA AVALIAR A EMPATIA NA *DARK TETRAD*

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação da Professora
Doutora Ana Teresa Martins e do Professor Doutor Luís
Faísca



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2021

És tão bondoso quanto dizes ser?

**O Uso de Medidas de Autorrelato e de Desempenho para
avaliar a Empatia na *Dark Tetrad***

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluídas.

Assinatura

(Joana Gomes Pereira)

Copyright 2021 Joana Gomes Pereira. A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja alvo de dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Ao concluir a dissertação, vejo mais perto o final desta etapa que foi o mestrado e sinto-me cada vez mais perto de atingir a meta de ser Psicóloga. Esta proximidade à meta torna tudo mais real e faz escassear as palavras, não sendo possível que estas façam jus ao que sinto neste momento. A única palavra que me ocorre é gratidão e talvez esta seja a que melhor se adequa, não só ao momento, como a todo o percurso feito até agora, porque a verdade é que este percurso só foi possível graças às pessoas que a Universidade e a vida me foram dando. É a essas pessoas a quem hoje dedico, com especial carinho, este trabalho.

À Professora Doutora Ana Teresa Martins pela disponibilidade incessante e o apoio ao longo desta etapa. Sem a sua exigência e o seu rigor teria sido fácil desviar-me do foco, mas com a sua paciência e companheirismo foi possível levar esta dissertação a bom porto. Importa realçar que a sua sinceridade e pragmatismo foram cruciais para descomplicar os percalços ao longo do caminho e a sua energia constante foi o farol para que me guiou nos momentos em que me parecia muito difícil conseguir chegar ao fim. Foi um gosto imenso fazer esta caminhada ao lado dela.

Ao Professor Doutor Luís Faísca pela permanente disponibilidade e a infindável paciência para as minhas dúvidas e dificuldades com a estatística. Não teria igualmente sido possível ver este projeto finalizado, sem o auxílio do rigor e exigência constantes ao longo do caminho e que tanto me foram ensinando. O seu humor e boa disposição em todos os momentos trouxeram uma leveza ao trabalho que me fez sempre encarar os desafios de forma mais tranquila.

À minha Carol, amiga e companheira de mestrado, pela amizade, pelo carinho, pelo ombro amigo, pelas gargalhadas e por ser sempre o meu suporte nos momentos de

maior aperto. Por acreditar sempre em mim, por procurar a minha ajuda e por me fazer parar para respirar, mostrando-me sempre o lado bom em todas as coisas. Por descomplicar as minhas inseguranças e por ter sempre um sorriso para mim, mesmo quando era ela quem precisava de colo. É uma honra e um privilégio ser amiga deste ser de luz!

Aos meus amigos, Ju, Pati, Jaime, Tina, Isa, Di, Fallows, Toni, Bia, Penso, Leo e Luan, e aos meus afilhados académicos, Fénix, João, Margarida, Alícia, Carolina e Anton, por terem sido a minha âncora quando achava que não ia ser capaz, pela amizade de todos os dias, mesmo quando não sabiam que me estavam a dar a mão. O caminho teria sido muito mais duro se não os tivesse por perto.

À minha Mica, em especial, pela amizade de uma vida e por ser sempre o meu pilar, por nunca reclamar de ter de ouvir os meus desabafos sem fim e por ter sempre colo para mim. A vida, no geral, torna-se mais bonita quando a tenho por perto e este último desafio que o mestrado me trouxe, em particular, foi mais fácil porque a tive sempre por perto para me amparar.

À minha madrinha Inês, por nunca ter deixado de segurar a minha mão e por ter sempre o seu colo disponível para mim, para onde corri sempre que me sentia em apuros ou queria desistir de tudo; por acreditar sempre em mim e saber sempre o que me dizer, nos momentos em que precisava de me acalmar. É uma inspiração, como ser humano e como profissional. Nunca terei palavras de agradecimento suficientes para a sua amizade.

À minha madrinha Joana D'Além, por acreditar mais em mim do que própria e pelas horas de conversa a ouvir os meus desabafos e dificuldades. A sua amizade foi importante ao longo de todo o caminho e senti-me sempre mais segura por saber que tinha o seu apoio.

Ao meu padrinho Daniel, por ser a pessoa com a maior capacidade de me fazer rir com o seu humor pouco compreendido pelos demais e por estar sempre presente, sobretudo nos momentos de maior insegurança.

Ao meu avô, por mesmo não estando presente fisicamente, ter sido sempre a minha estrela guia ao longo de todo o percurso. Aquele que seria sempre o primeiro a aplaudir todas as minhas conquistas e apoiar todos os meus sonhos, se ainda aqui estivesse. Esta é, sem dúvida, para ti!

Aos meus papis, por serem os maiores patrocinadores desta aventura, tanto emocional como financeiramente, por me terem dado uma base estável para poder seguir os meus sonhos, pelo amor, o carinho, a liberdade, a dedicação e o colo. Sobretudo pelo esforço incansável dos últimos meses, para me permitirem terminar este percurso dentro dos limites temporais por mim desejados. E à minha mana, Mariana, por ser a alma mais curiosa que conheço e demonstrar interesse genuíno pelo que faço (mesmo quando não percebe nada), pelo amor, pela generosidade e pela amizade. Sem eles, não seria possível concretizar todos os sonhos até hoje.

E, novamente, à Fénix, por ser a pessoa com mais paciência que conheço, o que a fez ter sido capaz de aguentar todas as minhas crises existenciais, pelo bom humor de todos os dias, por me fazer sorrir sempre, por me ajudar com as correções, por se orgulhar de todas as minhas vitórias e por acreditar em mim, sobretudo nos dias em que eu não o fazia. Por me permitir fechar-me no escritório em frente ao computador horas sem fim, sem ter de me preocupar com outros afazeres, e por aceitar todos os momentos a duas que não pudemos ter, para eu poder trabalhar. Por ser a pessoa com quem posso ser frágil, com quem posso partilhar todas as minhas dúvidas e conquistas e com quem quero continuar a fazê-lo o resto da vida, se for possível. Acima de tudo, pelo amor. Sempre.

Por fim, mas não menos importante, uma palavra de agradecimento aos seis alunos (Ana Carolina, Ana Margarida, Beatriz, Joana, Maria e Maria Inês) que me auxiliaram na recolha de amostra, no âmbito da UC de Práticas de Iniciação à Investigação Científica, e, claro, a todos os participantes pela sua preciosa colaboração, sem a ajuda dos quais não teria sido possível desenvolver este estudo. Obrigada pela disponibilidade!

A todos, estarei sempre grata!

“Disciplina é a ponte entre metas e realizações”

– Jim Rohn

És tão bondoso quanto dizes ser?

O uso de medidas de autorrelato e de desempenho para avaliar a empatia na *Dark Tetrad*

Resumo

Sujeitos com traços *Dark Tetrad* costumam apresentar défices empáticos, especificamente no que diz respeito à empatia afetiva. Por norma, a empatia afetiva tem sido avaliada com recurso ao autorrelato, uma abordagem que tem recebido inúmeras críticas por parte de autores que sugerem a avaliação multi-método deste construto, com recurso a medidas implícitas por fornecerem uma descrição mais real do funcionamento da empatia. Neste contexto, o principal objetivo do nosso estudo foi analisar a associação entre as medidas de empatia (autorrelato; medidas explícitas) e as de contágio emocional (desempenho; medidas implícitas de reatividade emocional) e os traços da DT. Para o efeito, foram avaliados 113 participantes (76 mulheres), com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos, que responderam aos questionários de autorrelato para avaliação da empatia e duas tarefas de contágio emocional, com recurso a estímulos auditivos e em contexto escrito. Os principais resultados dos instrumentos de autorrelato sugerem que, quando maior presença de traços DT, maiores as dificuldades empáticas, sobretudo ao nível da empatia afetiva. No que se refere às medidas de contágio emocional, observámos que os traços de maquiavelismo e narcisismo se encontravam associados a respostas emocionais incongruentes com os estímulos musicais, verificando-se que face a estímulos emocionais alegres experienciavam emoções negativas e face a estímulos emocionais tristes experienciavam emoções positivas. A mesma incongruência foi registada para todos os traços DT e os estímulos escritos.

Palavras-chave: *Dark Tetrad*, empatia, avaliação multi-método, contágio emocional, desejabilidade social

Abstract

Subjects with Dark Tetrad traits tend to have empathic deficits, especially regarding affective empathy. By default, affective empathy has been assessed using self-report, an approach that has received criticism by authors who have advanced a multi-method assessment of this construct, using implicit measures to provide a more realistic description of how empathy works. Thus, the main objective of our study was to analyse the association between measures of empathy (self-report; explicit measures), emotional contagion (performance; implicit measures of emotional reactivity) and DT traits. For this purpose, 113 participants (76 women), aged between 18 and 39 years, answered the self-report questionnaires for the assessment of empathy and two emotional contagion tasks, using auditory stimuli and in a written context. The main results of improved self-report instruments suggest that, the greater the presence of DT traits, the greater the empathic difficulties, especially at the level of affective empathy. With regard to measures of emotional contagion, we observed that the traces of machiavellianism and narcissism were associated with emotional responses inconsistent with musical stimuli, verifying that with the happy emotional stimuli they experienced negative emotions and with the sad emotional stimuli they experienced positive emotions. The same incongruity was recorded for all DT traces and written stimuli.

Keywords: *Dark Tetrad*, empathy, multimethod assessment, emotional contagion, social desirability

Índice

1. Introdução	1
2. Método	8
2.1. Participantes.....	8
2.2. Medidas:.....	8
2.3. Procedimento.....	11
3. Resultados	13
3.1. Associação entre as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) e as medidas de contágio emocional (EBEMEE e SAM).....	13
3.2. Associação entre os Traços Dark Tetrad e níveis autorrelatados de Empatia (IRI e BES).....	21
3.3. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE e SAM) face aos Estímulos Auditivos e os Traços Dark Tetrad.....	22
3.4. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE e SAM) face aos Estímulos em Contexto Escrito e os Traços Dark Tetrad.....	25
3.5. Contraste das correlações entre medidas de contágio emocional (SAM) e os traços Dark Tetrad.....	27
4. Discussão	29
5. Referências bibliográficas	36

Índice de Figuras

Figuras 1 e 2 – Associação entre os traços DT (maquiavelismo e narcisismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos musicais alegres (linha azul) e pelos estímulos musicais tristes (linha vermelha)

Figura 3 e 4 – Associação entre os traços DT (psicopatia e sadismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos musicais alegres (linha azul) e pelos estímulos musicais tristes (linha vermelha)

Figuras 5 e 6 – Associação entre os traços DT (maquiavelismo e narcisismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos narrativos alegres (linha azul) e pelos estímulos escritos tristes (linha vermelha)

Figuras 7 e 8 – Associação entre os traços DT (psicopatia e sadismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos narrativos alegres (linha azul) e pelos estímulos escritos tristes (linha vermelha)

Índice de tabelas

Tabela 1. Associação entre o Contágio Emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Musicais e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 2. Associação entre o Contágio Emocional (SAM) face aos Estímulos Musicais e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 3. Associação entre o Contágio Emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Narrativos e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 4. Associação entre o Contágio Emocional (SAM) face aos Estímulos Narrativos e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 5. Associação entre os traços *Dark Tetrad* e as Medidas de Autorrelato de Empatia – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 6. Associação entre o Contágio Emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Musicais e os traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 7. Associação entre o Contágio Emocional (SAM) face aos Estímulos Musicais e os traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 8. Associação entre o Contágio Emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Narrativos e os traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Tabela 9. Associação entre o Contágio Emocional (SAM) face aos Estímulos Narrativos e os traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

Índice de Anexos

Anexo A. Consentimento Informado

Anexo B. Questionário Sociodemográfico

Anexo C. *Self-Assessment Manikin* (SAM)

Anexo D. Escalas de Bem-Estar e de Mal-Estar Emocional

Anexo E. Índice de Reatividade Interpessoal (IRI)

Anexo F. *Basic Empathy Scale* (BES)

Anexo G. Músicas

Anexo H. Histórias

Anexo I. Certificado de Participação

Abreviaturas

BES – *Basic Empathy Scale*

DS – Desejabilidade Social

DT – *Dark Tetrad*

EBEMEE – Escalas de Bem-Estar e de Mal-Estar Emocional

IRI – Índice de Reatividade Interpessoal

SAM – *Self-Assessment Manikin*

SD4 – *Short Dark Tetrad*

1. Introdução

A *Dark Tetrad* (DT) é um conjunto de quatro traços patológicos da personalidade interrelacionados, de referir: o maquiavelismo, o narcisismo, a psicopatia e o sadismo (Paulhus et al., 2018). Indivíduos com traços *maquiavélicos* caracterizam-se por possuírem uma visão cínica do mundo e uma tendência extrema para a manipulação; indivíduos com traços *psicopáticos* por possuírem uma forte insensibilidade ao sofrimento dos outros e intensa impulsividade; sentimentos de grandiosidade e egocentrismo são típicos dos indivíduos com traços *narcísicos*; e, por último, indivíduos com traços *sádicos* são aqueles que sentem prazer com a crueldade (Dinić et al., 2020). Apesar de cada um destes traços ter a sua especificidade, os traços de personalidade que integram a DT parecem possuir um denominador comum, nomeadamente, a insensibilidade ao sofrimento dos outros e um padrão de agressividade generalizada (Paulhus et al., 2018), que, segundo alguns autores, se associa a uma falha de empatia (Wai & Tiliopoulos, 2012; Kajonius & Björkman, 2020)

A empatia é um construto multidimensional, que engloba uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva (Anastácio et al., 2016). Estes autores definem empatia cognitiva como a capacidade para inferir estados mentais dos outros e empatia emocional como a capacidade para partilhar ou experienciar as emoções dos outros. Deste modo, a *empatia cognitiva* facilita a compreensão e previsão do comportamento dos outros, favorecendo o diálogo e a compreensão social; já a *empatia afetiva* motiva o indivíduo a agir de forma altruísta, para aumentar as emoções positivas ou reduzir as emoções negativas experienciadas por quem o rodeia (Anastácio et al., 2016). A empatia é definida, por Önal e colaboradores (2021), como um processo psicológico complexo que permite aos sujeitos, no seu dia a dia, partilhar os sentimentos dos demais. Estes autores sugerem,

também, que a empatia pode depender da experiência dos próprios sentimentos, que podem ser influenciados por normas sociais. A incorreta interpretação dos próprios sentimentos pode, assim, levar a que haja dificuldade na relação com os outros.

De um modo geral, os estudos de autorrelato sobre empatia em indivíduos com traços DT têm revelado défices sobretudo ao nível da empatia afetiva, o que sugere que estes indivíduos parecem manter a capacidade cognitiva para compreender os estados mentais/emocionais dos outros, mas a falta de empatia afetiva leva-os a ignorar os danos que neles possam provocar (Wai & Tiliopoulos, 2012; Turner et al., 2019; Kajonius & Björkman, 2020). Este padrão de resultados parece ser mais evidente em sujeitos com psicopatia e maquiavelismo (Turner et al., 2019; Heym et al., 2021).

Alguns estudos indicam que os indivíduos narcísicos são os que apresentam níveis de empatia (cognitiva e afetiva) mais elevados (Wai & Tiliopoulos, 2012; Pajevic et al., 2018; Turner et al., 2019). Por último, apesar de a empatia afetiva se correlacionar negativamente com os quatro traços da DT, tal associação parece ser menos acentuada com o sadismo (Ali et al., 2009; Pajevic et al., 2018).

Estes resultados, na generalidade, sugerem que indivíduos com forte incidência de traços da DT parecem compreender os estados emocionais dos outros, mas sem que isso traga especial ressonância emocional. Essa compreensão, associada a uma incapacidade para experienciar as emoções dos outros, poderá propiciar um padrão de comportamento manipulativo, de forma a atingir um qualquer objetivo pessoal, característica que tem sido apontada a estes traços DT. No entanto, alguns autores sugerem que indivíduos com estes traços patológicos revelam níveis muito baixos tanto de empatia afetiva como de empatia cognitiva, pelo que as suas estratégias de manipulação do outro passam mais pela força e violência do que pela dissimulação ou persuasão (Turner et al., 2019).

Mais recentemente, o estudo de Heym e colaboradores (2021) identificou um perfil associado aos traços DT que foi denominado “*Empatia Negra*”. A empatia negra caracteriza indivíduos que possuem traços DT e, simultaneamente, elevados níveis de empatia, contrariando assim a ideia comumente aceita de que a ocorrência destes traços está inversamente relacionada aos níveis de empatia. Os indivíduos caracterizados pela empatia negra demonstraram baixos níveis de agressão interpessoal indireta (*e.g.*: indução de culpa, humor malicioso ou exclusão social) em comparação com outros indivíduos com o perfil DT, mais tradicional, bem como traços de extroversão e agradabilidade mais marcados. No entanto, mesmo nestes indivíduos com empatia negra, o padrão de agressividade característico dos traços DT não desapareceu totalmente (Heym et al., 2021). A existência de indivíduos com Empatia Negra não permite excluir totalmente o facto de indivíduos com traços DT apresentarem tendencialmente menores níveis de empatia. Aliás, os resultados de Heym e colaboradores (2021) acabam por evidenciar, mais uma vez, a necessidade de se avaliar a empatia em sujeitos com estes traços.

Os resultados dos estudos que analisam a associação entre empatia e traços patológicos de personalidade nem sempre se apresentam consensuais. Uma das razões para essa heterogeneidade pode resultar do facto de a empatia ser maioritariamente avaliada com recurso a instrumentos de autorrelato, o que torna a sua avaliação – especificamente da empatia afetiva – vulnerável. Na verdade, a empatia afetiva parece ser captada de forma mais válida recorrendo a paradigmas comportamentais, baseados em experiências quotidianas, pois essa abordagem permite contornar a influência da desejabilidade social a que as medidas de autorrelato estão mais suscetíveis (Calvi, 2009). Por outro lado, existe uma diferença entre aquilo que se pensa que se consegue fazer pelos outros e aquilo que realmente se faz, refletindo muitas vezes, as medidas de autorrelato,

a percepção que o indivíduo tem de si mesmo e nem sempre aquilo que efetivamente representa para os outros (Calvi, 2009; Melchers et al., 2014).

As dificuldades em avaliar a empatia aumentam quando se tenta caracterizar indivíduos com traços de personalidade patológica, como é o caso da DT, e encontrar um método para avaliar a empatia afetiva e cognitiva, assim como avaliar a auto-percepção e a percepção que os outros têm de si, é um desafio. Entre as medidas mais usadas para avaliar a empatia, destaca-se a *Basic Empathy Scale* (BES; Jolliffe & Farrington, 2006), cuja versão portuguesa foi adaptada por Anastácio e colaboradores (2016) e revelou boas características psicométricas. O Índice de Reatividade Interpessoal (IRI; Davis, 1983) é também frequentemente usado e tem como objetivo medir a empatia cognitiva e afetiva através de quatro subescalas. A empatia cognitiva é avaliada apenas pela subescala da Tomada de Perspetiva, que reflete a tendência para adotar os pontos de vista do outro (Limpo et al., 2010). A empatia afetiva, por sua vez, é avaliada pelas restantes três subescalas: a Preocupação Empática, que mede a capacidade de experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro; o Desconforto Pessoal, que discrimina sentimentos de ansiedade, apreensão e desconforto em contextos interpessoais tensos; e a Fantasia, que revela a propensão do sujeito para se colocar em situações fictícias.

O recurso a inventários de autorrelato tem sido uma forma bastante comum para avaliação de características psicológicas, como a empatia, porém esta utilização tem vindo a ser criticada, por serem instrumentos subjetivos e estarem sujeitos à influência de um conjunto de fatores que pode fazer com que a informação obtida seja de menor confiança e validade (Marques, 2016). Um desses fatores é a desejabilidade social, pois indivíduos com elevados níveis de desejabilidade social tendem a enviesar as suas respostas de modo a evitar avaliações negativas por parte dos demais (Fisher e Katz, 2000).

Apesar da utilidade científica destas medidas, elas têm revelado reduzida concordância com medidas de desempenho na avaliação da empatia. Melchers e colaboradores (2014) relacionaram diferentes medidas de avaliação da empatia (autorrelato e paradigmas comportamentais), numa amostra de 108 estudantes de psicologia (98 mulheres e 10 homens). Avaliaram, num primeiro momento, traços empáticos com recurso a medidas de autorrelato, recorrendo ao *Interpersonal Reactivity Index* (IRI; Davis, 1983) e ao *Empathy Quotient* (EQ; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004), e traços esquizotípicos e autistas com recurso ao *Autism Questionnaire* (AQ; Baron-Cohen et al., 2001) e ao *Community Assessment of Psychic Experiences* (CAPE; Stefanis et al., 2002). Utilizaram, ainda, três medidas de desempenho: o *Reading the Mind in the Eyes Test* (RTMITE; Baron-Cohen et al., 2001), para avaliar e detetar disfunções subtis nas competências da Teoria da Mente; o *Cambridge Face-Voice Battery* (CAM; Golan et al., 2006), para avaliar a capacidade para detetar emoções em rostos e vozes (perante estímulos visuais e auditivos); e tarefas de rotação (ROT; e.g. Leiffen et al., 1997), para medir a capacidade empática cognitiva. Com os resultados obtidos neste estudo, os autores observaram uma fraca correlação entre as medidas de autorrelato de empatia e os paradigmas comportamentais (reconhecimento emocional), referindo assim a importância de avaliar a empatia com recurso a uma abordagem multi-método.

Pela literatura consultada, constatámos que o uso de tarefas comportamentais para avaliação da empatia afetiva é ainda muito insuficiente. Alguns destes estudos, para ultrapassar as limitações dos instrumentos de autorrelato, recorrem a tarefas comportamentais de reconhecimento de emoções que, na nossa opinião, avaliam apenas uma das capacidades antecedentes da empatia, mas não a empatia em si. De facto, a empatia é um constructo complexo que parece envolver um conjunto de antecessores pouco explorados.

Em número mais reduzido têm surgido estudos com preocupação em avaliar os antecessores da empatia. Um dos principais antecessores da empatia (afetiva e cognitiva) é o contágio emocional (López et al., 2014). O contágio emocional foi descrito por Hatfield e colaboradores (1993) como uma tendência automática do indivíduo para mimetizar e sincronizar expressões faciais e corporais, vocalizações faladas e cantadas, posturas e movimentos de outra pessoa de modo a convergir emocionalmente. Doherty (1997) afirma que o contágio emocional se reveste de características psicológicas, fisiológicas, comportamentais e sociais. Por outras palavras, é um fenómeno que decorre em diferentes níveis: a emoção do outro é percebida e interpretada, o que desencadeia uma experiência emocional correspondente (*e.g.*, resposta sorridente a sorrisos) ou complementar (*e.g.*, fuga perante uma ameaça). Neste contexto, é alcançada uma sincronia emocional, de atenção e de comportamento, constituindo assim um processo adaptativo ao contexto social. Também, Gouveia et al. (2006) definem o contágio emocional como um estado emocional no observador em resultado direto da perceção emocional de outra pessoa. Assim, o contágio emocional difere da empatia pelo facto de ser autodirigido, enquanto esta última é mais dirigida ao outro, pelo que se sugere que os dois processos existam num continuum (Gouveia et al., 2006).

Recentemente, Ritter e colaboradores (2011) realizaram um estudo sobre empatia em indivíduos narcísicos, com recurso a 47 sujeitos com perturbação narcísica da personalidade, 53 sujeitos de controlo e 27 sujeitos com perturbação estado-limite da personalidade. A empatia afetiva e cognitiva foi medida através do IRI, do Teste de Empatia Multifacetada (MET; Dziobek et al., 2008) e do Filme para Avaliação da Cognição Social (MASC; Dziobek et al., 2006). Os resultados demonstraram défices na dimensão afetiva da empatia, avaliada através do MET, nomeadamente no que diz respeito à mimetização de emoções que, como acima referido, está na base do contágio

emocional. Na mesma linha de investigação, um estudo de Luckhurst (2014), procurou estudar a relação entre a psicopatia e o contágio emocional. Através da plataforma *online Mechanical Turk* (MTurk), os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, ao *Self-Report Psychopathy* (Hare SRP-III; Hare, 1985) para medição dos níveis de psicopatia, à *Emotional Contagion scale* (EC scale; Doherty, 1997) que media a propensão para o contágio emocional e ao *Toronto Empathy Questionnaire* (TEQ; Spreng et al., 2009) para medir a capacidade empática. Do conjunto inicial de respondentes, que responderam ao questionário sociodemográfico e ao Hare SRP-III, foram seleccionados os primeiros 30 com baixos níveis de psicopatia e os primeiros 30 com altos níveis de psicopatia para continuar o estudo e responder aos demais questionários. Este estudo demonstrou haver falhas nas capacidades empáticas, nomeadamente ao nível do contágio emocional em indivíduos com personalidade psicopática.

Em suma, face aos resultados mistos encontrados no que se refere à caracterização do perfil empático de personalidades DT assim como face à escassez de estudos acerca do contágio emocional nestes indivíduos, julgamos que uma avaliação multi-método da empatia e contágio emocional (recorrendo a questionários de autorrelato e a medidas comportamentais de contágio emocional) poderá contribuir para uma melhor compreensão deste tema.

1.1. O presente Estudo

Perante a breve revisão da literatura apresentada, tivemos como principal objetivo avaliar a influência da DT na resposta empática (recurso a medidas explícitas) e no contágio emocional (recurso a medidas implícitas). Esperamos que na maior presença de traços DT se registem menores níveis de resposta empática e de contágio emocional.

Esperamos, ainda, encontrar diferenças por traço nestas respostas, uma vez que se defende que cada traço tem diferentes níveis empáticos.

1. Método

2.1. Participantes

Foram avaliados 113 participantes (76 mulheres), com uma média de idade de 22.30 anos (desvio padrão = 3,54), com uma escolaridade mínima de 12 anos. Constituíram fatores de exclusão a existência de doença psiquiátrica ou neurológica aguda.

2.2. Medidas:

2.2.1. Questionários

Ficha de dados sociodemográficos

Nesta ficha (Anexo B) foram recolhidos dados de caracterização social e demográfica, assim como dados clínicos como, por exemplo, a história prévia de doença neurológica ou psiquiátrica.

Short Dark Tetrad (SD4: Paulhus, Neumann & Jones, 2018; versão portuguesa: Ramos, Martins & Faísca, in preparation)

Foi utilizada uma versão portuguesa desta escala para avaliação dos traços de personalidade negativos. Este instrumento é constituído por 28 itens divididos por quatro subescalas (psicopatia, narcisismo, maquiavelismo e sadismo), avaliados numa escala de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente). As quatro subescalas da SD4 original revelaram níveis adequados de consistência interna (Maquiavelismo $\alpha=.76$; Narcisismo $\alpha=.80$; Psicopatia $\alpha=.80$; Sadismo $\alpha=.81$), assim como foram obtidos valores adequados na versão portuguesa, pois todas as dimensões apresentaram uma

consistência interna aceitável ($\alpha > .80$), com exceção da dimensão do maquiavelismo, que apresentou a consistência interna mais baixa ($\alpha = .58$).

Basic Empathy Scale (BES; versão original Jolliffe & Farrington, 2006; versão portuguesa: Anastácio et al., 2016)

Foi utilizada a versão portuguesa da BES (Anexo F) como medida de autorrelato para avaliar a empatia cognitiva e afetiva. Esta escala é composta por 16 questões (oito itens para cada uma das dimensões), às quais os participantes respondem numa escala de cinco níveis (que variava de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”). Este instrumento obteve uma boa consistência interna tanto para a dimensão cognitiva da empatia, como afetiva (α de .85 e .80, respetivamente).

Índice de Reatividade Interpessoal (IRI; versão original Davis, 1983; versão portuguesa: Limpo, Alves & Castro, 2010)

Foi utilizada a versão portuguesa do IRI (Limpo, Alves & Castro, 2010) (Anexo E), cujo objetivo é avaliar as dimensões cognitiva e afetiva da empatia. Esta escala é composta por 24 itens distribuídos por quatro subescalas: tomada de perspetiva, preocupação empática, desconforto pessoal e fantasia (com seis itens cada uma). A subescala “tomada de perspetiva” avalia a dimensão cognitiva da empatia e as restantes três avaliam a dimensão afetiva. Os itens são respondidos numa escala com cinco níveis, em que 0 corresponde a “Não me descreve bem” e 4 a “Descreve-me muito bem”. Os autores obtiveram uma boa avaliação da consistência interna deste instrumento para cada uma das suas subescalas (α : .74 tomada de perspetiva, .77 preocupação empática, .81 desconforto pessoal e .83 fantasia).

SAM e EBEMEE

O *Self-Assessment Manikin* (SAM; Lang, 1980; Hodes, Cook & Lang, 1985) (Anexo C) é uma escala de medição do grau de impacto de estímulos emocionais, sendo avaliada cada uma das três dimensões da resposta emocional, nomeadamente valência (natureza positiva ou negativa da experiência emocional), excitação (grau em que o indivíduo se sente internamente estimulado pela experiência emocional) e dominância (sentimento de controlo da situação emocional vivida). O SAM apresenta, para cada dimensão, uma escala gráfica de nove níveis: valência (1= infeliz a 9= feliz); excitação (1= relaxado/sonolento a 9= excitação); dominância (1= ser controlado a 9= controlar). O SAM foi utilizado para avaliar o impacto emocional sentido pelos participantes perante os estímulos auditivos e de leitura apresentados durante a experiência.

As Escalas de Bem-estar e Mal-estar Emocional (EBEMEE; Runa e Miranda, 2015) (Anexo D) medem o estado emocional do respondente, solicitando-lhe que indique numa escala de 4 níveis (0 = nada; 1 = um pouco; 2 = bastante; 3 = muito) o grau em que experienciou um conjunto de estados emocionais. As escalas de Bem-estar e Mal-estar emocional são compostas por 20 itens cada uma. A versão portuguesa deste instrumento obteve uma boa avaliação da consistência interna em ambas as escalas, com valores ótimos no que diz respeito à sua fiabilidade (α de .94 para a escala de bem-estar emocional e α de .95 para a escala de mal-estar emocional). A EBEMEE foi utilizada para avaliar o estado emocional dos participantes induzido pelos estímulos auditivos e de leitura apresentados durante as tarefas experimentais.

2.2.2. Tarefas experimentais

Tarefas de Contágio Emocional

Como forma de avaliar o contágio emocional, enquanto mecanismo antecessor da empatia, recorreu-se a duas tarefas: uma tarefa com músicas e outra tarefa com histórias de vida. Para a seleção dos estímulos a utilizar nestas tarefas, foram escolhidas inicialmente 12 músicas (quatro músicas alegres, quatro músicas neutras e quatro músicas tristes), com a duração de 60 segundos, e adaptadas 15 histórias (cinco alegres, cinco neutras e cinco tristes), com cerca de 900 caracteres cada uma. Estes estímulos foram submetidos a um pré-teste, em que um conjunto de juízes procedia à sua avaliação através de questionários online. Para isso, tanto as músicas como as histórias foram apresentadas de forma aleatória a cada juiz e, após a audição de cada música ou a leitura de cada história, o juiz tinha de classificá-la numa escala de sete níveis (1 = muito triste; 7 = muito alegre). Com base nestas avaliações, foram selecionadas três músicas e três histórias mais adequadas a cada uma das valências emocionais pretendidas (alegria, tristeza, neutralidade), para serem utilizadas como estímulos para as tarefas. Assim, as tarefas consistiam em três blocos de três histórias/músicas, com valência emocional positiva, negativa ou neutra, que eram apresentadas aos participantes. Todos os participantes ouviram três blocos de músicas – alegres, neutras e tristes – preenchendo o SAM após a audição de cada música e as EBEMEE no final de cada bloco – e leram três blocos de histórias – alegres, neutras e tristes – preenchendo o SAM após a leitura de cada história e as EBEMEE após cada bloco.

2.3. Procedimento

Num primeiro momento, foi obtida uma aprovação do Conselho Científico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve para prossecução do projeto. Após a aceitação voluntária de participação no estudo, os participantes foram

avaliados, em duas sessões, separadas por um intervalo médio de sete dias, (com uma duração média de 30min cada), através da plataforma *online Zoom*.

Na primeira sessão, foi apresentado ao participante o consentimento informado (Anexo A), com um breve enquadramento do que está a ser estudado e através do qual o participante aceitou a sua participação no estudo de forma voluntária. De seguida, foi pedido ao participante que preenchesse o questionário sociodemográfico, cujos dados foram recolhidos apenas para fins investigativos (como os critérios de exclusão), sendo garantida a confidencialidade e o anonimato dos participantes. Após a caracterização sociodemográfica, cada participante realizou uma das duas tarefas de contágio emocional.

Na segunda sessão, cada participante realizou a outra tarefa de contágio emocional e respondeu aos três questionários de autorrelato: o *Short Dark Tetrad (SD4)*; o Índice de Reatividade Interpessoal (IRI); e a *Basic Empathy Scale (BES)*. Optou-se pela aplicação destes questionários de autorrelato no final da sessão, para que o seu preenchimento não enviesasse o desempenho nas tarefas implícitas anteriores. A sequência de preenchimento dos questionários foi igual para todos os participantes. Metade dos participantes realizou primeiro a tarefa de contágio auditiva e depois a tarefa de contágio narrativa (histórias), enquanto o resto dos participantes fez estas tarefas pela ordem inversa.

Pelo facto de todo o protocolo de recolha de dados ter sido aplicado de modo remoto, as tarefas de contágio emocional foram conduzidas de duas maneiras distintas: para a tarefa com estímulos narrativos, o participante recebia um *link* com o questionário *online*, onde devia ler as histórias e ir preenchendo as respostas enquanto estava na sessão *zoom*; para a tarefa com estímulos auditivos, era enviado ao participante um ficheiro em formato *powerpoint* que continha os estímulos que devia ouvir e os questionários aos quais tinha de responder, tal como se estivesse a realizar um questionário *online*. Quando a tarefa

estivesse concluída, o participante reenviava ao experimentador o ficheiro por si preenchido.

Relativamente ao tratamento dos dados recolhidos, foi utilizado o programa informático *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* e feita uma análise correlacional (coeficiente de correlação de *Pearson*), de modo a avaliar a associação entre medidas de autorrelato (BES e IRI) e medidas implícitas obtidas com o SAM e as EBEMEE. Foi feita, também, uma análise de associação entre medidas e os traços da DT (SD4), de modo a compreender se a discrepância entre medidas de empatia e contágio emocional era influenciada pela presença destes traços de personalidade.

3. Resultados

3.1. Associação entre as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) e as medidas de contágio emocional (EBEMEE e SAM)

Numa primeira etapa da análise dos resultados, explorou-se a eventual coincidência entre as medidas explícitas de empatia, obtidas por autorrelato (escalas IRI e BES), e as medidas mais implícitas de contágio emocional, proporcionadas pela avaliação do estado emocional face a estímulos musicais e narrativos.

De um modo geral, foram observadas associações positivas entre emoções positivas face a músicas alegres e as medidas de empatia proporcionadas pelo IRI (Tabela 1), nomeadamente as subescalas referentes à dimensão afetiva (desconforto pessoal: $r = .221$; fantasia: $r = .255$; e preocupação empática: $r = .115$, embora neste último caso sem atingir significância estatística) e a pontuação total ($r = .240$); estes valores sugerem que quanto maiores os índices de empatia (afetiva), maior a reatividade positiva face a músicas alegres. Foram também observadas associações positivas entre as emoções

negativas positivas face a músicas tristes e as medidas de empatia, nomeadamente as subescalas referentes à dimensão afetiva (desconforto pessoal: $r = .216$; fantasia: $r = .157$; e preocupação empática: $r = .147$, embora nos últimos dois casos sem atingir significância estatística) e a pontuação total ($r = .204$); estes valores sugerem que quanto maiores os índices de empatia (afetiva), maior a reatividade negativa face a músicas tristes. Os resultados face às músicas neutras são menos claros, mas, mais uma vez, são as subescalas de empatia afetiva (nomeadamente, desconforto pessoal e fantasia) e a pontuação total que se associam à reatividade emocional nessas músicas. Curiosamente, a dimensão cognitiva do IRI (tomada de perspectiva) nunca se associa de forma fiável com as medidas de reatividade emocional às músicas.

O padrão de resultados obtidos com a BES (Tabela 1) também não é tão claro: registou-se uma associação positiva entre a dimensão cognitiva da empatia e as reações positivas a músicas tristes ($r = .189$) e a músicas neutras ($r = .170$, embora neste caso sem atingir a significância estatística). Curiosamente, os resultados obtidos com a dimensão afetiva da BES não correlacionaram com a reatividade emocional aos diferentes estímulos musicais.

Tabela 1. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Musicais e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	IRI				BES		
	TP	PE	DP	FT	IRI-tot	BES-A	BES-C
Músicas alegres							
Emoções positivas	-.028	.115	.221*	.255*	.240*	.118	.117
Emoções negativas	-.035	-.126	-.031	-.029	-.078	-.045	.032
Músicas neutras							
Emoções positivas	.017	.068	.116	.291**	.226*	.098	.170
Emoções negativas	-.129	.071	.189*	.037	.079	.032	-.031
Músicas tristes							
Emoções positivas	-.018	-.094	-.042	.125	.016	-.025	.189*
Emoções negativas	-.090	.147	.216*	.157	.204*	.079	-.093

TP – Tomada de Perspetiva (IRI); PE – Preocupação Empática (RI); DP – Desconforto Pessoal (IRI); FT – Fantasia (IRI); IRI-tot – Pontuação total (IRI); BES-A – Empatia Afetiva (BES); BES-C – Empatia Cognitiva (BES). * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

No que se refere à reatividade emocional registada com recurso ao SAM, observámos um padrão de associação semelhante ao anteriormente descrito (Tabela 2). Assim, observou-se uma associação positiva entre a valência emocional da reação sentida perante músicas alegres e as medidas de empatia afetiva, tanto da escala IRI (desconforto pessoal: $r = .221$; fantasia: $r = .245$; a preocupação empática: $r = .176$, embora neste último caso sem atingir significância estatística; e a pontuação total: $r = .254$), como da escala BES (dimensão afetiva: $r = 1.89$); foi igualmente registada uma associação negativa entre a valência emocional da reação face às músicas tristes e as medidas de empatia afetiva da escala IRI (preocupação empática: $r = -.285$; desconforto pessoal: $r = -.217$; e a pontuação total: $r = -.272$) e a dimensão afetiva da BES ($r = -.183$, embora neste caso apenas marginalmente significativa). Estas associações sugerem que, perante maiores níveis de

empatia (afetiva), haverá uma maior reação sentida como mais positiva perante músicas alegres e uma reação sentida como mais negativa perante músicas tristes.

Observámos que a subescala do desconforto pessoal se associa positivamente com a excitação induzida por músicas alegres ($r = .203$) e negativamente com a excitação induzida pelas músicas tristes ($r = -.214$). Estes resultados sugerem que, para níveis mais elevados desta dimensão da empatia afetiva, se registará uma maior estimulação face a músicas alegres e um aborrecimento face a músicas tristes.

Foi observada também uma associação negativa entre a dominância das músicas tristes e a dimensão afetiva tanto da escala IRI como da BES: quando registados maiores níveis de empatia afetiva, menor será o controlo sentido da reação induzida pelos estímulos musicais.

Tabela 2. Associação entre o contágio emocional (SAM) face aos Estímulos Musicais e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	IRI				BES		
	TP	PE	DP	FT	IRI-tot	BES-A	BES-C
Músicas alegres							
SAM Valência	-.090	.176	.221*	.245**	.254**	.189*	.049
SAM excitação	-.146	.136	.203*	.102	.101	.220*	.067
SAM dominância	-.159	-.011	.017	-.111	-.103	.001	.003
Músicas neutras							
SAM Valência	-.029	-.039	-.014	.093	.022	.047	-.003
SAM excitação	.018	.048	.032	.142	.101	.017	.042
SAM dominância	-.061	-.098	-.108	.011	-.089	-.114	-.007
Músicas tristes							
SAM Valência	-.039	-.285**	-.217*	-.134	-.272**	-.183	-.062
SAM excitação	-.106	-.001	-.214*	-.089	-.155	-.105	.038
SAM dominância	-.021	-.239*	-.337**	-.139	-.299**	-.312**	-.095

TP – Tomada de Perspetiva (IRI); PE – Preocupação Empática (RI); DP – Desconforto Pessoal (IRI); FT – Fantasia (IRI); IRI-tot – Pontuação total (IRI); BES-A – Empatia Afetiva (BES); BES-C – Empatia Cognitiva (BES). * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

No que se refere à reatividade aos estímulos narrativos, foi também observado um padrão de associações positivas entre as emoções positivas face a histórias alegres e as medidas de empatia proporcionadas pelo IRI (Tabela 3), nomeadamente as subescalas referentes à dimensão afetiva (preocupação empática: $r = .229$; desconforto pessoal: $r = .270$; e fantasia: $r = .201$) e a pontuação total ($r = .289$); valores que sugerem que maiores índices de empatia (afetiva) resultam numa maior reatividade positiva face a histórias alegres. Foi também registado um padrão positivo de associações entre as emoções negativas face a histórias tristes e as medidas de empatia, nomeadamente as subescalas referentes à empatia afetiva (desconforto pessoal: $r = .388$; e fantasia: $r = .254$) e a pontuação total ($r = .316$); estes valores sugerem que quanto maiores os índices de empatia (afetiva), maior a reatividade negativa a histórias tristes. À semelhança do que foi registado com os estímulos musicais, também nos estímulos narrativos se registaram resultados menos claros face às histórias neutras; a subescala do desconforto pessoal (empatia afetiva) e a escala total associam-se à reatividade emocional positiva a estas histórias. A dimensão cognitiva do IRI (tomada de perspectiva) associa-se de forma negativa com as emoções negativas face a histórias neutras ($r = -.224$), sugerindo menor experiência de emoções negativas face a histórias neutras na presença de maiores índices de empatia cognitiva; associa-se também de forma negativa com as emoções positivas face a histórias tristes ($r = -.216$), sugerindo que quanto maiores forem os índices de empatia cognitiva, menor será a reatividade positiva a histórias tristes.

O padrão de resultados obtido com a BES (Tabela 3), à semelhança do que se registou com os estímulos musicais, também não é claro: registou-se uma associação negativa com as emoções negativas face a histórias neutras e a dimensão afetiva da empatia ($r = -.203$) e uma associação negativa entre as emoções positivas face a histórias tristes e a dimensão afetiva da empatia ($r = -.190$). Por outro lado, a dimensão cognitiva

da empatia associou-se de forma positiva com a reatividade positiva face a músicas alegres ($r = .198$). Estes resultados não coincidem com os obtidos com o IRI.

Tabela 3. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Narrativos e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	IRI				BES		
	TP	PE	DP	FT	IRI-tot	BES-A	BES-C
Histórias alegres							
Emoções positivas	-.017	.229*	.270**	.201*	.289**	.142	.198*
Emoções negativas	-.164	-.078	-.021	-.080	-.128	-.123	-.065
Histórias neutras							
Emoções positivas	-.024	.155	.257**	.090	.197*	.105	.089
Emoções negativas	-.224*	-.118	.001	-.076	-.154	-.203*	-.112
Histórias tristes							
Emoções positivas	-.216*	-.110	-.026	.008	-.105	-.190*	.119
Emoções negativas	-.084	.161	.388***	.254**	.316**	.167	.064

TP – Tomada de Perspetiva (IRI); PE – Preocupação Empática (RI); DP – Desconforto Pessoal (IRI); FT – Fantasia (IRI); IRI-tot – Pontuação total (IRI); BES-A – Empatia Afetiva (BES); BES-C – Empatia Cognitiva (BES). * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Naquilo que se refere à reatividade emocional registada com recurso ao SAM, observámos um padrão de associação semelhante ao descrito anteriormente (Tabela 4). Assim, foi observada uma associação positiva entre a valência emocional da reação a histórias alegres e as medidas de empatia afetiva, tanto da escala do IRI (preocupação empática: $r = .216$; desconforto pessoal: $r = .232$; fantasia: $r = .230$; e pontuação total: $r = .318$) como da escala da BES (dimensão afetiva: $r = .249$); foi também registada uma associação negativa entre a valência emocional da reação a histórias tristes e as medidas de empatia afetiva da escala do IRI (preocupação empática: $r = -.243$; e pontuação total: $r = -.221$). Estas associações sugerem que, perante maiores níveis de empatia (afetiva),

haverá uma maior reação sentida como mais positiva perante histórias alegres e uma reação sentida como mais negativa face a histórias tristes.

Foram observadas associações positivas entre a excitação induzida com histórias neutras e a empatia afetiva (preocupação empática: $r = .191$; e desconforto pessoal: $.194$), o que sugere que, perante maiores níveis de empatia (afetiva), se registará uma maior excitação face a histórias neutras. Por outro lado, observou-se também uma associação negativa entre a excitação induzida pelas histórias tristes e a empatia cognitiva (tomada de perspectiva: $r = -.220$), sugerindo que, perante maiores níveis de empatia (cognitiva), haverá uma maior experiência de aborrecimento face a histórias tristes.

Em relação à dominância, foram observadas apenas associações negativas. A dominância das histórias neutras associou-se de forma negativa com a empatia cognitiva (tomada de perspectiva: $r = -.276$; e pontuação total IRI: $r = -.206$), sugerindo que quando registados maiores níveis de empatia cognitiva, menor será o controlo sentido da reação induzida pelos estímulos narrativos. Nas histórias tristes, a dominância associou-se negativamente com a empatia afetiva, tanto na escala IRI (preocupação empática: $r = -.243$; e pontuação total: $r = -.221$), como na escala BES (dimensão afetiva: $r = -.214$), sugerindo que quando registados maiores níveis de empatia afetiva, menor será o controlo sentido da reação induzida pelos estímulos narrativos.

A reatividade emocional medida pelo SAM não parece associar-se à dimensão cognitiva da empatia na BES, não tendo apresentado nenhuma correlação significativa com essa dimensão, nessa escala.

Tabela 4. Associação entre o contágio emocional (SAM) face aos Estímulos Narrativos e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (*r*)

	IRI				BES		
	TP	PE	DP	FT	IRI-tot	BES-A	BES-C
Histórias alegres							
SAM Valência	.086	.216*	.232*	.230*	.318*	.249**	.162
SAM excitação	-.129	.191*	.194*	.062	.148	.146	.086
SAM dominância	-.115	-.085	.041	-.099	-.090	-.104	-.029
Histórias neutras							
SAM Valência	-.030	.091	.058	.098	.097	.166	-.030
SAM excitação	-.143	.092	.143	-.064	.009	.124	-.025
SAM dominância	-.276**	-.010	-.025	-.172	-.206*	-.116	-.015
Histórias tristes							
SAM Valência	-.053	-.243*	-.106	-.158	-.221*	-.097	-.060
SAM excitação	-.220*	-.018	.017	-.056	-.091	-.066	-.040
SAM dominância	-.003	-.243*	-.163	-.167	-.221*	-.214**	.063

TP – Tomada de Perspetiva (IRI); PE – Preocupação Empática (RI); DP – Desconforto Pessoal (IRI); FT – Fantasia (IRI); IRI-tot – Pontuação total (IRI); BES-A – Empatia Afetiva (BES); BES-C – Empatia Cognitiva (BES). * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De um modo geral, o padrão de correlações descrito remete para uma reatividade emocional adequada aos estímulos, que é tanto mais intensa quando mais elevados os níveis de empatia afetiva. Assim, estes resultados refletem que pessoas com níveis elevados de empatia afetiva têm tendência para reagir de forma positiva, experienciando sensação de felicidade, na presença de estímulos alegres e positivos, e para reagir de forma negativa, experienciando sensações de tristeza, na presença de estímulos tristes. Esse padrão de resultados é transversal aos estímulos musicais e narrativos. Já a dimensão cognitiva da empatia não parece associar-se às medidas de contágio emocional, embora essa associação aconteça perante os estímulos apresentados no formato de histórias.

3.2. Associação entre os Traços *Dark Tetrad* e níveis autorrelatados de Empatia

(IRI e BES)

Podemos observar que, de um modo geral, todos os traços *Dark Tetrad* se associam negativamente aos níveis de empatia reportados pelos participantes, quer através do IRI quer da BES (Tabela 5). Este resultado sugere que quanto mais presentes forem os traços DT menos empatia os sujeitos referem possuir. Numa análise por traço de personalidade, observámos que a psicopatia se associou de forma significativa tanto com a dimensão cognitiva (subescala da tomada de perspectiva do IRI) como com a dimensão afetiva da empatia (expressa pelas subescalas de preocupação empática do IRI e a subescala afetiva da BES). O maquiavelismo correlacionou-se de forma negativa com a dimensão afetiva da empatia (subescalas da preocupação empática e da fantasia do IRI e subescala afetiva da BES). O narcisismo também apresentou uma associação negativa com a dimensão afetiva da empatia (subescala da preocupação empática do IRI e subescala da afetiva da BES). Por último, o sadismo apresentou uma associação negativa com a dimensão afetiva (subescalas da preocupação empática, desconforto pessoal e fantasia do IRI e subescala afetiva da BES) e a dimensão cognitiva da empatia (subescala cognitiva da BES).

De uma forma geral, o padrão de correlações descrito remete para uma clara correlação negativa entre os quatro traços DT e os indicadores de empatia afetiva. Relativamente à empatia cognitiva, a mesma tendência negativa só parece evidenciar-se relativamente à psicopatia ou ao sadismo.

Tabela 5. Associação entre os traços DT e as medidas de autorrelato de Empatia (IRI e BES) – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	Maquiavelismo	Narcisismo	Psicopatia	Sadismo
<i>IRI</i>				
Tomada de Perspetiva	-.114	.013	-.341***	-.165
Preocupação empática	-.518***	-.201*	-.285**	-.491***
Desconforto Pessoal	-.134	-.143	-.100	-.225*
Fantasia	-.186	-.009	-.146	-.228*
Pontuação total	-.356***	-.126	-.307**	-.418***
<i>BES</i>				
Empatia afetiva	-.376***	-.276*	-.366***	-.566***
Empatia cognitiva	-.150	-.001	-.158	-.191*

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

3.3. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE e SAM) face aos Estímulos

Auditivos e os Traços Dark Tetrad

Foi, também, feita uma análise da associação entre o contágio emocional face aos estímulos musicais (avaliado pelas EBEMEE) e os vários traços DT (Tabela 6). Observámos uma associação positiva entre o traço do maquiavelismo e as *emoções negativas* sentidas no final do bloco de músicas alegres ($r = .237$). Este resultado sugere que quanto maior a presença de traços maquiavélicos, maior é a tendência para experienciar emoções negativas face a músicas alegres. Pelo contrário, mas também interessante, observámos uma associação positiva entre as emoções positivas reportadas após escutar músicas tristes e o narcisismo ($r = .277$). Este resultado vem sugerir que quando maior o nível de narcisismo, maior a experiência de emoções positivas face a músicas tristes (Tabela 6).

Tabela 6. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Musicais e os Traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	Maquiavelismo	Narcisismo	Psicopatia	Sadismo
Músicas alegres				
Emoções positivas	-.032	.140	.059	.033
Emoções negativas	.072	.119	.093	.052
Músicas neutras				
Emoções positivas	.033	.106	.011	.063
Emoções negativas	.008	-.025	.016	-.003
Músicas tristes				
Emoções positivas	.237*	.134	.106	.162
Emoções negativas	.102	.277**	.131	.119

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

No que se refere ao índice de reatividade obtido com recurso ao SAM (Tabela 7), verificámos uma associação negativa entre a valência da reação emocional face às músicas alegres e os traços DT, sendo essa associação estatisticamente significativa para o maquiavelismo ($r = -.196$), o narcisismo ($r = -.237$) e o sadismo ($r = -.218$); estes resultados sugerem que na presença destes traços haverá uma maior tendência para avaliar os estímulos musicais positivos como sendo infelizes/tristes. Pelo contrário, registaram-se correlações positivas (marginalmente significativas, $p < .1$) entre a valência da reação emocional face às músicas tristes e os traços de narcisismo ($r = .175$), sadismo ($r = .185$) e psicopatia ($r = .167$); estes resultados sugerem que uma maior incidência destes traços negros de personalidade está associada à ocorrência de experiências emocionais positivas perante músicas tristes.

Relativamente ao grau de excitação provocado pelos estímulos musicais, observámos uma associação positiva marginalmente significativa ($p = .052$) entre o grau de excitação face a músicas tristes e a psicopatia ($r = .185$), resultados que sugerem que

maior presença de traços de psicopatia, maior o grau de estimulação destes indivíduos quando ouvem músicas tristes.

Relativamente aos indicadores de dominância da reação emocional induzida pelos estímulos musicais, observámos associações positivas entre a dominância dos estímulos musicais neutros e os traços de narcisismo ($r = .233$), sadismo ($r = .263$) e psicopatia ($r = .184$); estes resultados sugerem que a presença destes traços permite aos participantes uma maior sensação de estarem a ser controlados pelas sensações provocadas por estímulos neutros. No mesmo sentido, foi igualmente registada uma associação positiva entre a dominância das músicas tristes e os traços de narcisismo ($r = .388$) e sadismo ($r = .231$).

Tabela 7. Associação entre o contágio emocional (SAM) face aos Estímulos Musicais e os Traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	Maquiavelismo	Narcisismo	Psicopatia	Sadismo
Músicas alegres				
SAM Valência	-.196*	-.273*	-.118	-.218*
SAM excitação	-.145	-.151	.011	.132
SAM dominância	-.066	-.051	-.056	.021
Músicas neutras				
SAM Valência	-.076	-.103	-.063	.025
SAM excitação	-.020	-.052	-.028	-.084
SAM dominância	.154	.233*	.184	.263**
Músicas tristes				
SAM Valência	.113	.175	.167	.185
SAM excitação	-.040	.038	.185	.021
SAM dominância	.123	.388***	.141	.231*

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De um modo geral, o padrão de correlações descrito remete para que, tendencialmente, se registre uma incongruência entre a resposta emocional reportada e a

emoção do estímulo musical apresentado, sendo mais evidente no maquiavelismo e no narcisismo.

3.4. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE e SAM) face aos Estímulos

Narrativos e os Traços Dark Tetrad

No que diz respeito à reatividade emocional obtida pelo EBEMEE face ao contexto escrito (histórias), foi encontrada uma associação positiva entre as emoções negativas nas histórias alegres e a dimensão da psicopatia ($r = .233$); sugerindo que quanto maior a presença de traços psicopáticos maior a experiência de emoções negativas face a histórias alegres, tendência que também foi observada na reatividade a histórias neutras, de referir, narcisismo ($r = .247$), da psicopatia ($r = .324$) e do sadismo ($r = .225$).

Esta incongruência também foi verificada nas histórias tristes, ou seja, quanto maior a presença de traços de narcisismo ($r = .305$), psicopatia ($r = .263$) e sadismo ($r = .279$;) maior reatividade emocional positiva.

Tabela 8. Associação entre o contágio emocional (EBEMEE) face aos Estímulos Narrativos e os Traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	Maquiavelismo	Narcisismo	Psicopatia	Sadismo
Histórias alegres				
Emoções positivas	.063	.118	-.034	.010
Emoções negativas	.103	.142	.233*	.069
Histórias neutras				
Emoções positivas	-.082	.090	-.008	-.063
Emoções negativas	.148	.247*	.324**	.255**
Histórias tristes				
Emoções positivas	.114	.305**	.263**	.279**
Emoções negativas	-.075	.084	.044	-.163

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Relativamente ao índice de reatividade emocional obtido com o SAM, foi encontrada uma associação negativa entre a valência emocional das histórias alegres e a dimensão da psicopatia ($r = -.200$), sugerindo que na presença deste traço, ao ler histórias alegres os indivíduos não têm tendência a experienciar a felicidade, mas mais bem a infelicidade. Foi encontrada, também uma associação positiva entre a valência emocional das histórias tristes e a dimensão do maquiavelismo ($r = .194$), indicador de experiência de felicidade, por parte de indivíduos maquiavélicos, ao ler histórias tristes.

No que se refere à dominância (SAM), observámos uma associação positiva entre a dominância das histórias tristes e os traços de maquiavelismo ($r = .210$), psicopatia ($r = .198$) e sadismo ($r = .356$), resultados que sugerem que na presença destes traços haverá um maior controlo das histórias sobre os indivíduos.

Tabela 9. Associação entre o contágio emocional (SAM) face aos Estímulos Narrativos e os Traços *Dark Tetrad* – coeficiente de correlação de *Pearson* (r)

	Maquiavelismo	Narcisismo	Psicopatia	Sadismo
Histórias alegres				
SAM Valência	-.115	-.107	-.200*	-.072
SAM excitação	-.055	-.053	-.133	-.152
SAM dominância	.072	.023	-.032	.127
Histórias neutras				
SAM Valência	-.115	-.029	-.070	-.065
SAM excitação	.057	.056	-.089	-.104
SAM dominância	.246**	.127	.076	.257**
Histórias tristes				
SAM Valência	.302***	.088	.112	.297**
SAM excitação	-.028	.089	.110	.076
SAM dominância	.210*	.169	.198*	.356***

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De uma forma geral, o padrão de correlações descrito remete para que, tendencialmente, se registre uma incongruência entre a resposta emocional reportada e a emoção do estímulo escrito apresentado. Esta incongruência foi evidenciada para todos os traços DT.

3.5. Contraste das correlações entre medidas de contágio emocional (SAM) e os traços *Dark Tetrad*

Numa tentativa de compreender de forma mais aprofundada o padrão de resultados que conduziu às correlações entre as medidas de contágio emocional (em especial, a componente Valência do SAM), procedeu-se a uma análise gráfica das respostas de contágio emocional a estímulos alegres e tristes em função de cada um dos traços DT (Figuras 1 a 8).

Os resultados obtidos confirmam a análise correlacional, mas a análise conjunta das correlações dos traços DT com as avaliações aos estímulos alegres e aos estímulos tristes clarifica a leitura direta dos coeficientes de correlação feita na secção anterior. Assim, verifica-se que a valência positiva da resposta emocional a músicas alegres parece atenuar-se à medida que o traço Maquiavelismo é mais intenso (linha azul da Figura 1), justificando a correlação negativa reportada na Tabela 3 ($r = -.196$). Por outro lado, a valência negativa da resposta emocional a músicas tristes parece também atenuar-se à medida que o traço Maquiavelismo é mais intenso (linha vermelha da Figura 1), justificando a correlação positiva (embora não significativa) reportada na Tabela 3 ($r = .113$). No entanto, a representação gráfica conjunta destas duas tendências de resposta sugere que enquanto os indivíduos com baixos níveis de Maquiavelismo reagem congruentemente aos estímulos (e.g., expressam valências muito positivas face a estímulos alegres e valências muito negativas face aos estímulos tristes), os indivíduos com pontuações altas de Maquiavelismo têm respostas emocionais mais atenuadas, não

És tão bondoso quanto dizes ser?

O uso de medidas de autorrelato e de desempenho para avaliar a empatia na *Dark Tetrad*

diferenciando claramente a valência face a estímulos alegres e tristes. Este padrão de respostas face aos estímulos musicais pode ser observado para os restantes traços DT (Figuras 2 a 4) e também nas respostas face aos estímulos escritos (Figuras 5 a 8). O padrão de atenuação da diferença entre a avaliação de estímulos alegres e tristes com o aumento da intensidade do traço DT parece ser menos óbvio para o narcisismo (Figuras 2 e 6).

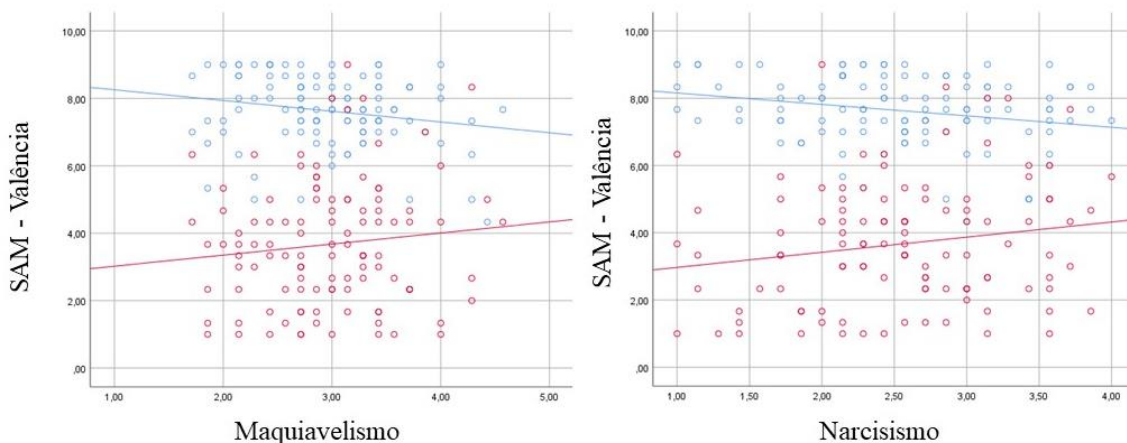


Figura 1 e 2 – Associação entre os traços DT (maquiavelismo e narcisismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos musicais alegres (linha azul) e pelos estímulos musicais tristes (linha vermelha)

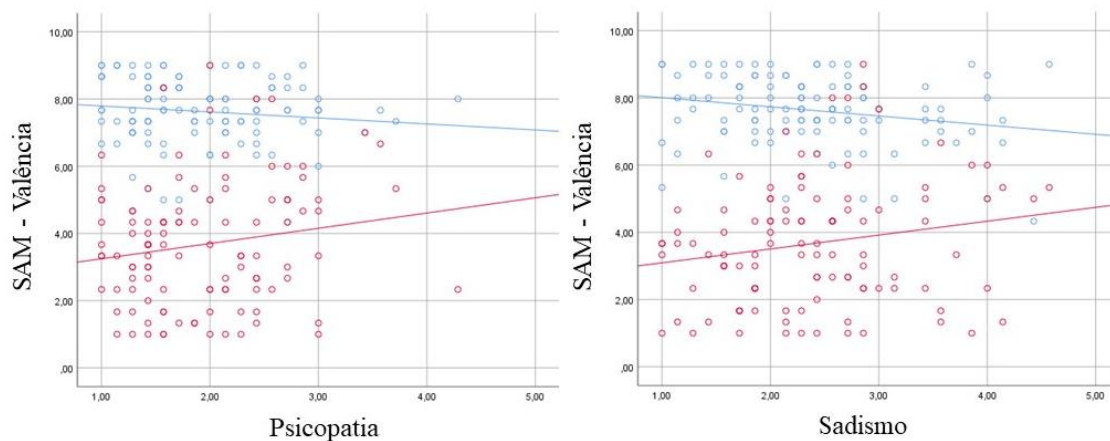


Figura 3 e 4 – Associação entre os traços DT (psicopatia e sadismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos musicais alegres (linha azul) e pelos estímulos musicais tristes (linha vermelha)

És tão bondoso quanto dizes ser?

O uso de medidas de autorrelato e de desempenho para avaliar a empatia na *Dark Tetrad*

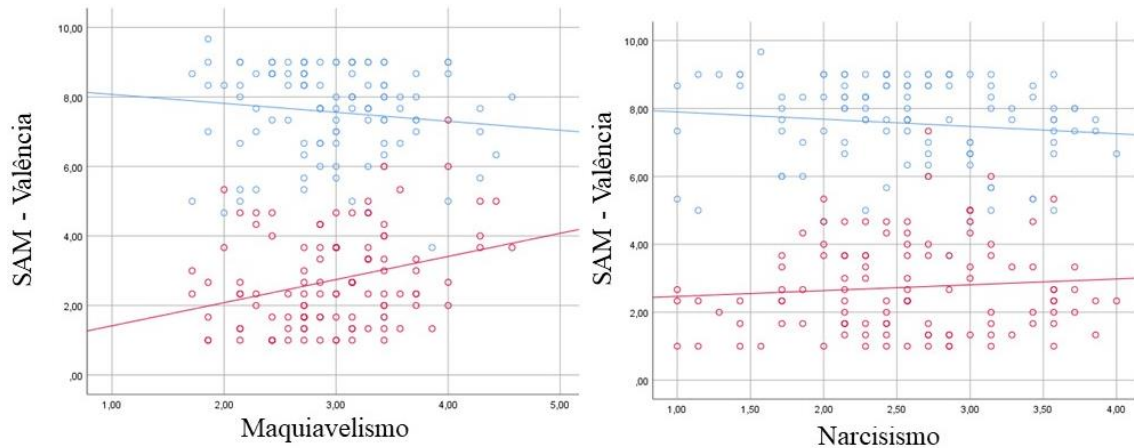


Figura 5 e 6 – Associação entre os traços DT (maquiavelismo e narcisismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos escritos alegres (linha azul) e pelos estímulos narrativos tristes (linha vermelha)

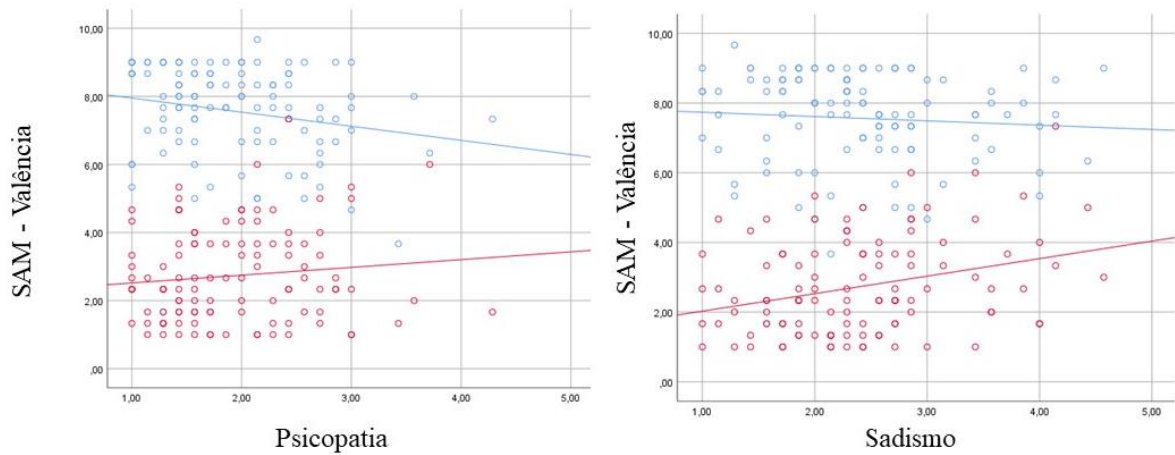


Figura 7 e 8 – Associação entre os traços DT (psicopatia e sadismo) e a avaliação da valência emocional induzida pelos estímulos escritos alegres (linha azul) e pelos estímulos narrativos tristes (linha vermelha)

4. Discussão

Os estudos acerca da empatia, cognitiva e afetiva, têm obtido resultados inconsistentes e de difícil interpretação em indivíduos cuja personalidade é considerada “negra” (Ali et al., 2009; Wai & Tiliopoulos, 2012; Pajevic et al., 2018; Turner et al., 2019; Kajonius & Björkman, 2020; Heym et al., 2021). Na verdade, a empatia é um constructo multifacetado e complexo, considerando diversos investigadores que a avaliação por autorrelato é, provavelmente, insuficiente por estar dependente de diversos

fatores, tais como a desejabilidade social ou a capacidade de *insight* do respondente. Desta forma, tem sido defendido que esta avaliação por autorrelato deverá ser complementada pelo uso de tarefas mais implícitas que permitam aceder à capacidade empática, sobretudo no que se refere à sua dimensão afetiva. Uma das abordagens possíveis a esta dificuldade poderá ser estudar os antecessores mais marcantes da componente afetiva da empatia, nomeadamente o contágio emocional (Gouveia et al., 2006; López et al., 2014). Pelo facto de existir um número ainda insuficiente de estudos que avaliem os antecedentes da empatia (Ritter et al., 2011; López et al., 2014; Luckhurst, 2014), procedemos ao estudo do contágio emocional através de uma tarefa desenhada para avaliar a reatividade emocional.

Assim, o principal objetivo deste estudo era avaliar a empatia por autorrelato e a reatividade emocional (contágio) face a duas tarefas auditivas e em contexto escrito (respetivamente, músicas e histórias de vida) e correlacionar essas avaliações com os traços DT de personalidade.

Os resultados não sugeriram esta diferença entre medidas. Face aos principais resultados, foi possível retirar algumas conclusões quanto à natureza desta relação. Como esperado, numa análise global comparando os dois tipos de medida, observámos que perante músicas alegres, indivíduos com elevados níveis de empatia afetiva experienciaram maior reatividade positiva, bem como maior reatividade emocional negativa perante músicas tristes. Resultados muito semelhantes foram registados com os estímulos em contexto escrito, com maior reatividade emocional positiva perante histórias alegres e maior reatividade emocional negativa perante histórias tristes, o que vai ao encontro do esperado e relatado na literatura em relação a indivíduos com elevados níveis empáticos (Ritter e colaboradores, 2011; Luckhurst, 2014). Desta forma, observou-se neste estudo uma associação clara entre medidas de desempenho de reatividade

emocional e medidas de autorrelato de empatia afetiva. Estes resultados têm consequências a diferentes níveis: por um lado, trazem um contributo teórico, demonstrando a importância da capacidade de contágio emocional para a manifestação de empatia afetiva, mas não de empatia cognitiva; por outro lado, a nível metodológico, mostram uma correspondência significativa, mas parcial entre medidas de autorrelato e medidas de desempenho, reforçando a importância da abordagem multi-método na avaliação da dimensão afetiva da empatia.

De um modo global, no que se refere às medidas de autorrelato da Empatia (IRI e BES), podemos sugerir uma associação negativa para a maioria dos traços DT. Numa análise mais detalhada, percebemos que estes resultados se devem sobretudo a dificuldades na empatia afetiva (nomeadamente, ao nível da preocupação empática), à semelhança de resultados encontrados noutros estudos (Wai & Tiliopoulos, 2012; Turner et al., 2019; Kajonius & Björkman, 2020).

Estes resultados sugerem que a presença de traços DT parece comprometer a capacidade para sentir o que os outros estão a sentir (empatia afetiva), mas não afeta a capacidade para pensar e antecipar comportamentos nos outros. Alguns autores sugerem que o facto de estarem mantidas as capacidades empáticas cognitivas torna estes sujeitos mais hábeis na relação com os outros, porque os tornam assertivos e correspondentes ao estado psicológico do outro, sem terem de se envolver. Estas características permitem-lhes ser mais manipuladores e, por consequência, alcançar maior sucesso quando pretendem atingir os seus objetivos (e.g., Pajevic et al., 2018).

Numa análise mais detalhada conseguimos observar que o **Narcisismo** apresenta, nas medidas de autorrelato, uma associação significativa negativa com a empatia afetiva, o que aponta para um défice na dimensão afetiva da empatia. Este resultado já tinha sido identificado por outros autores que referem que indivíduos narcísicos apresentam níveis

menos baixos de empatia cognitiva, comparativamente aos restantes traços DT (Wai & Tiliopoulos, 2012; Pajevic et al., 2018; Turner et al., 2019). Estes níveis menos elevados de empatia podem ser justificados pela sobrevalorização destes sujeitos das suas próprias capacidades empáticas, o que os leva a afirmar, nos questionários de autorrelato, que têm capacidades elevadas de leitura e compreensão das emoções dos outros; por outro lado, dada a sua necessidade de admiração por parte dos outros, este traço exige que os narcísicos tenham um melhor entendimento de como os outros os veem, o que pode levar a um maior desenvolvimento das capacidades empáticas cognitivas. (Wai & Tiliopoulos, 2012). Assim, esta sobrevalorização das suas capacidades empáticas seria uma consequência das medidas de autorrelato, uma vez que sujeitos narcísicos terão uma maior tendência para responder de acordo com o que os fizer parecer melhor aos olhos dos outros, como sugerem Marissen e colaboradores (2012). Por fim, outro motivo que justifica estes níveis de empatia é, como sugerido por Pajevic e colaboradores (2018), que o narcisismo demonstra um perfil empático que permite inferir como as pessoas se sentem, sem experienciar o contágio emocional, o que propicia que estes sujeitos tenham um estilo de relacionamento interpessoal baseado na manipulação.

Um outro resultado dissemelhante foi observado no **Sadismo**, cujos resultados remetem para uma falha quer de empatia afetiva quer cognitiva. Este é o traço da DT mais recentemente incluído no modelo e, conseqüentemente, apresenta um menor número de estudos que, por sua vez, têm apresentado resultados inconsistentes (Velimirović et al., 2018). No entanto, os défices empáticos evidenciados pelos nossos resultados podem ser justificados pela dificuldade de autorregulação de emoções que esta faceta da DT demonstra, nomeadamente no que diz respeito ao controlo de comportamentos impulsivos (Pajevic et al., 2018).

Neste estudo, tivemos também como objetivo avaliar o contágio emocional como forma de captarmos de maneira implícita este antecessor da empatia. Tal como sugerimos na introdução, os inventários de autorrelato, apesar de extremamente úteis, possuem limitações relacionadas com a desejabilidade social ou mesmo com alguma falha de *insight*. Assim, esperávamos que a presença de traços DT tornasse os sujeitos menos permeáveis ao contágio emocional promovido pelas músicas e histórias de vida. Contudo, observámos não só menos contágio, como uma incongruência entre a valência do estímulo e a valência da correspondente resposta.

Quando fizemos a análise da associação entre os traços DT e as medidas de contágio emocional, observámos um padrão algo surpreendente: quanto mais marcados alguns traços DT, maior a tendência para experienciar emoções opostas à natureza emocional do estímulo (músicas ou histórias). Assim, indivíduos **Maquiavélicos** mostram maior tendência para experienciar emoções negativas face a músicas alegres; contrariamente, indivíduos **Narcísicos** apresentaram uma maior tendência para experienciar emoções positivas face a músicas tristes. Na mesma linha de pensamento, os nossos resultados demonstraram uma tendência de indivíduos **maquiavélicos, narcísicos e sádicos** para avaliar músicas alegres como sendo infelizes, bem como uma tendência de indivíduos narcísicos e sádicos para experienciar felicidade perante músicas tristes. Este défice foi, também, reforçado com o registo de várias associações negativas entre a valência emocional e os traços DT, indicando que os sujeitos experienciaram a emoção contrária à da música. Indivíduos com traços **psicopáticos** revelaram uma maior excitação perante músicas tristes.

Na análise da relação entre o contágio emocional face a narrativos, os resultados foram semelhantes aos auditivos. Foi registada uma tendência para experienciar emoções negativas perante histórias alegres em indivíduos com elevados níveis de **psicopatia**, bem

como uma tendência para experienciar emoções positivas perante histórias tristes. Esta incongruência entre o estímulo e a resposta registou-se, também, em indivíduos com elevados níveis de **narcisismo** e **sadismo**, cuja reatividade emocional perante histórias tristes foi, predominantemente, positiva. O padrão de correlações encontrado parece sugerir não só défice na capacidade de contágio emocional, como também a experiência de reações emocionais de valência oposta ao estímulo apresentado, o que seria indicador de perversão.

Numa tentativa de melhor compreender o padrão de correlações acima descrito entre contágio emocional e traços da DT, realizámos uma análise gráfica conjunta da tendência de resposta a estímulos positivos e negativos. Os resultados demonstraram que os indivíduos com traços DT reduzidos reagem de forma diferenciada e adequada aos estímulos emocionais apresentados, ou seja, reportam reações emocionais positivas marcadas perante estímulos positivos e reações emocionais negativas marcadas perante estímulos negativos. Os indivíduos com elevados níveis de traços DT não responderam de forma incongruente com o estímulo apresentado, mas sim de forma adequada, mas atenuada, ou seja, avaliaram as suas reações aos estímulos negativos de forma negativa e as suas reações aos estímulos positivos de forma positiva, mas sempre muito próximos dos valores centrais da escala de resposta (*e.g.*, tanto nos estímulos alegres como nos estímulos tristes, a resposta não foi nem demasiado positiva nem demasiado negativa, respetivamente). Assim, estas respostas apontam mais para um embotamento emocional por parte destes participantes, sugerindo mais uma dificuldade em experienciar a emoção sugestionada pelo estímulo apresentado ou uma falta de reatividade ao próprio estímulo (Ritter et al., 2011), do que um traço mais perverso ou de crueldade.

Em suma, podemos concluir que a presença de traços DT inibe ou atenua a resposta empática, sobretudo a afetiva. Estes resultados podem ser sugeridos quer pela

resposta consistente aos instrumentos de autorrelato, quer pela resposta aos estímulos emocionais.

Apesar de considerarmos os resultados deste estudo interessantes, podemos apontar como uma importante limitação a medida para avaliar o contágio emocional. Esta medida de avaliação do contágio emocional revelou não ser totalmente implícita como o pretendido, uma vez que o registo da reatividade emocional era ainda por autorrelato, possibilitando novamente os enviesamentos de resposta associados à desejabilidade social e à eventual falta de *insight* de alguns participantes com traços DT mais marcados.

Não obstante esta limitação, parecem existir evidências de que o estudo da relação entre a *Dark Tetrad* e a empatia afetiva se deve assentar numa abordagem multi-método, por permitir uma avaliação mais completa desta relação. Em estudos futuros, seria interessante o aprofundar o papel do contágio emocional como antecessor da empatia afetiva, para uma melhor compreensão deste *continuum* das capacidades empáticas, contribuindo para a mitigação das incongruências acerca desta relação que têm vindo a ser registadas nos vários estudos feitos sobre o tema. Para esse aprofundamento, seria interessante a utilização de medidas psicofisiológicas de reatividade emocional (*e.g.*, eletromiografia, resposta galvânica da pele ou dilatação da pupila), em tarefas mais ecológicas, bem como a comparação entre grupo de personalidade bem caracterizados (grupo controlo, grupo de traços DT subclínicos e grupo clínico), fazendo uma avaliação para cada um desses traços, com o intuito de obter resultados mais esclarecedores.

5. Referências bibliográficas

- Ali, F., Amorim, I., & Chamorro-Premuzic, T. (2009). Empathy deficits and trait emotional intelligence in psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences, 47*, 758-762 doi: 10.1016/j.paid.2009.06.016
- Almiro, P.A., Almeida, D., Ferraz, A.M., Feereira, R., Silvestre, M.J., Perdiz, C., Dias, I.S., Gonçalves, S., Sousa, L.B., & Simões, M.R. (2017). Escala de Desejabilidade social de 20 itens (EDS-20). In M.R. Simões, L.S. Almeida, & M.M. Gonçalves (Eds.), *Psicologia forense: Instrumentos de avaliação* (pp. 335-352. Lisboa: Pactor.
- Anastácio, S., Vagos, P., Nobre-Lima, L., Rijo, D., & Jolliffe, D. (2016). The Portuguese version of the Basic Empathy Scale (BES): Dimensionality and measurement invariance in a community adolescent sample. *European Journal of Developmental Psychology, 13*(5), 614–623. doi: 10.1080/17405629.2016.1167681
- Calvi, J. (2009). The Relationship between Self-Report and Behavioral Measures of Empathy (Dissertação de Mestrado, University of North Texas). Retrieved from: https://shareok.org/bitstream/handle/11244/9406/Calvi_okstate_0664M_11846.pdf?sequence=1
- Chung, J., & Monroe, G. (2003): Exploring Social Desirability Bias. *Journal of Business Ethics, 44*, 291–302. doi: 10.1023/A:1023648703356
- Dinić, B., Wertag, A., Tomašević, A., & Sokolovska, V. (2020). Centrality and redundancy of the Dark tetrad traits. *Personality and Individual Differences, 155*, 1-9. doi: 10.1016/j.paid.2019.109621

- Doherty, R. (1997). The Emotional Contagion Scale: a measure of individual differences. *Journal of Nonverbal Behavior, 21*(2), 131-154.
- Fisher, R., & Katz, J. (2000). Social-Desirability Bias and the Validity of Self-Reported Values. *Psychology & Marketing, 17*(2), 105-120.
- Golan, O., Baron-Cohen, S., & Hill, J. (2006). The Cambridge Mindreading (CAM) Face-Voice Battery: Testing Complex Emotion Recognition in Adults with and without Asperger Syndrome. *Journal of Autism and Developmental Disorders, 36*(2), 169-183. doi: 10.1007/s10803-005-0057-y
- Gouveia, V., Singelis, T., Guerra, V., Rivera, G., & Vasconcelos, T. (2006). O sentimento de constrangimento: evidências acerca do contágio emocional e do gênero. *Estudos em Psicologia, 23*(4), 329-337.
- Greenwald, A.G., McGhee, D.E., & Schwartz, J.L. (1998). Measuring Individual Differences in Implicit Cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology, 17*(6), 1464-1480
- Hatfield, E.; Cacioppo, J.T.; Rapson, R.L. (1993). Emotional contagion. *Current Directions in Psychological Science, 2*, 96-99.
- Heym, N., Kibowski, F., Bloxsom, C., Blanchard, A., Harper, A., Wallace, L., ... Sumich, A. (2021). The Dark Empath: Characterising dark traits in the presence of empathy. *Personality and Individual Differences, 169*, 1-11. doi: 10.1016/j.paid.2020.110172
- Kajonius, P., & Björkman, T. (2020). Individuals with dark traits have the ability but not the disposition to empathize. *Personality and Individual Differences, 155*, 1-5. doi: 10.1016/j.paid.2019.109716

- Kämpfe, N., Penzhorn, J., Schikora, J., Dünzl, J., & Schneidenbach, J. (2009). Empathy and social desirability: a comparison of delinquent and nondelinquent participants using direct and indirect measures. *Psychology, Crime & Law*, *15*(1), 1-17. doi: 10.1080/10683160802010640
- Limpo, T., Alves, R., & Catro, S. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, *8*(2), 171-184.
- López, M. B., Filippetti, V. A. & Richaud, M. C. (2014). Empatía: desde la percepción automática hasta los procesos controlados. *Avances en Psicología Latinoamericana*, *32*(1), 37-51. doi: dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.03
- Luckhurt, C. (2014). Investigation of Emotional Contagion Experienced by People with Psychopathic Personalities [Dissertação de Doutoramento, University of Hawaii at Manoa]. Repositório Scholar Space.
<https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/handle/10125/101113>
- Marissen, M., Deen, M., & Franken, I. (2012). Disturbed emotion recognition in patients with narcissistic personality disorder. *Psychiatry Research*, *198*, 269-273. doi: 10.1016/j.psychres.2011.12.042
- Marques, A. (2016). Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade social – DESCa e EDS-20 – numa amostra da população geral [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/35386>
- Melchers, M., Montag, C., Markett, S., & Reuter, M. (2014). Assessment of empathy via self-report and behavioural paradigms: data on convergent and discriminant validity. *Cognitive Neuropsychiatry*. doi: 10.1080/13546805.2014.991781

- Önal, A., Rapp, M.A., Sebold, M., Garbusow, M., Chen, H., Kuitunen-Paul, S., ...
Heinz, A. (2021). Empathy and the ability to experience one's own emotions modify the expression of blatant and subtle prejudice among young male adults. *Journal of Psychiatric Research*, 137, 471-479. doi: 10.1016/j.jpsychires.2021.03.011
- Pajevic, M., Vukosavljevic-Gvozden, T., Stevanovic, N., & Neumann, C. (2018). The relationship between the Dark Tetrad and a two-dimensional view of empathy. *Personality and Individual Differences*, 123, 125-130. doi: 10.1016/j.paid.2017.11.009
- Paulhus, D. (2014). Toward a Taxonomy of Dark Personalities. *Current Directions in Psychological Science*, 23(6), 421-426. doi: 10.1177/0963721414547737
- Paulhus, D., Curtis, S., & Jones, D. (2018). Agression as a trait: the Dark Tetrad alternative. *Current Opinion in Psychology*, 19, 88-92. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.04.007
- Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Jones, D. N. (2018, June). The Short Dark Tetrad (SD4). To be presented at the meeting of the International Conference for Applied Psychology, Montreal, Canada.
- Ritter, K., Dziobek, I., Preißler, S. Rüter, A., Vater, A., Fydrich, T., ... Roepke, S. (2011). Lack of empathy in patients with narcissistic personality disorder. *Psychiatry Research*, 187, 241-247. doi:10.1016/j.psychres.2010.09.013
- Runa, A., & Miranda, G. (2015). Validação Portuguesa das Escalas de Bem-estar e Mal-estar Emocional. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, 16(12), 129-144. doi: 10.17013/risti.16.129-144

- Turner, I., Foster, J., & Webster, G. (2019). The Dark Triad's inverse relations with cognitive and emotional empathy: High-powered tests with multiple measures. *Personality and Individual Differences, 139*, 1-6. doi: 10.1016/j.paid.2018.10.030
- Velimirović, M., Bojanić, M., & Dinić, B. (2018). Cognitive empathy distinguishes sadism from psychopathy: Effects on antisocial behavior. In K. Damjanović, I. Stepanović Ilić, & S. Marković (Eds.), *Proceedings of the XXIV scientific conference Empirical studies in psychology*, 38-42. Belgrade: Institute of Psychology, Faculty of Philosophy, University of Belgrade and Laboratory for Experimental Psychology, Faculty of Philosophy, University of Belgrade.
- Wai, M., & Tiliopoulos, N. (2012). The affective and cognitive empathic nature of the dark triad of personality. *Personality and Individual Differences, 52*, 794-799. doi: 10.1016/j.paid.2012.01.008
- Yang, W., Makita, K., Kanayama, N., et al. (2018). Affective auditory stimulus database: An expanded version of the International Affective Digitized Sounds (IADS-E). *Behavior Research Methods, 50*, 1415-1429. doi: 10.3758/s13428-018-1027-6.

És tão bondoso quanto dizes ser?
O uso de medidas de autorrelato e de desempenho para avaliar a empatia na *Dark Tetrad*

ANEXOS

ANEXO A

Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta declaração certifica que eu,....., aceito de livre vontade participar numa experiência científica sobre o a empatia nas personalidades da *Dark Tetrad*, devidamente integrada na UC de Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, que será dividida em duas partes: uma primeira parte de caracterização sociodemográfica, de personalidade e de autorrelato e uma segunda, onde será realizada uma tarefa de desempenho.

Uma explicação breve sobre a experiência na qual vou participar foi-me dada e estou esclarecido (a) sobre a mesma. Tive oportunidade de colocar questões sobre a experiência, e estou satisfeito(a) com as respostas. Compreendo que a minha participação no estudo é voluntária e que posso interrompê-la a qualquer momento, sem fornecer qualquer explicação.

Entendo também que, caso o deseje, poderei vir a solicitar um resumo dos resultados do estudo.

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

DATA

A ser preenchido pelo investigador

O participante supramencionado foi informado sobre a natureza da experiência. O participante foi informado que a experiência será imediatamente interrompida se requerido e que isso não afetará o cuidado que merece.

Assinatura e Data:

ANEXO B

Questionário sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

As seguintes questões servem apenas para caracterização genérica da amostra.

Idade: _____

Homem

Mulher

Quantos anos de escolaridade possui? _____

Estado civil (assinale com uma cruz uma opção):

Solteiro(a)

Casado(a) ou em união de facto

Separado(a) ou divorciado(a)

Viúvo(a)

Região de Portugal de origem/residência oficial (assinale com uma cruz uma opção):

Algarve

Alentejo

Estremadura, Ribatejo (incluindo Zona da Grande Lisboa)

Beira Interior

Beira Litoral

Douro e Minho (incluindo zona do Grande Porto)

Trás-os-Montes e Alto Douro

Zonas autónomas (Madeira e Açores)

Outra: _____

Situação profissional (assinale com uma cruz uma opção):

Estudante a tempo inteiro

Trabalhador-estudante

Trabalhador por conta de outro

Trabalhador por conta própria

Desempregado/Procura primeiro emprego

Alguma vez consultou um neurologista?

Sim

Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

Alguma vez consultou um psicólogo?

Sim

Não

És tão bondoso quanto dizes ser?
O uso de medidas de autorrelato e de desempenho para avaliar a empatia na *Dark Tetrad*

Se respondeu sim, refira o motivo:

Alguma vez consultou um psiquiatra?

Sim Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

Tomou ou toma medicação psiquiátrica?

Sim Não

Se respondeu sim, refira o motivo:

Alguma vez se viu envolvido em algum acidente grave?

Sim Não

Nome: _____

Contacto: _____ *Email:* _____

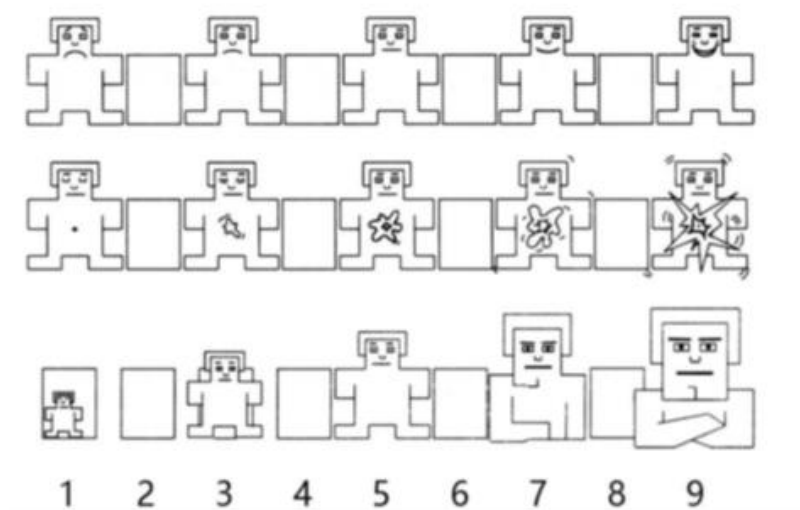
ANEXO C

Self-Assessment Manikin (SAM)

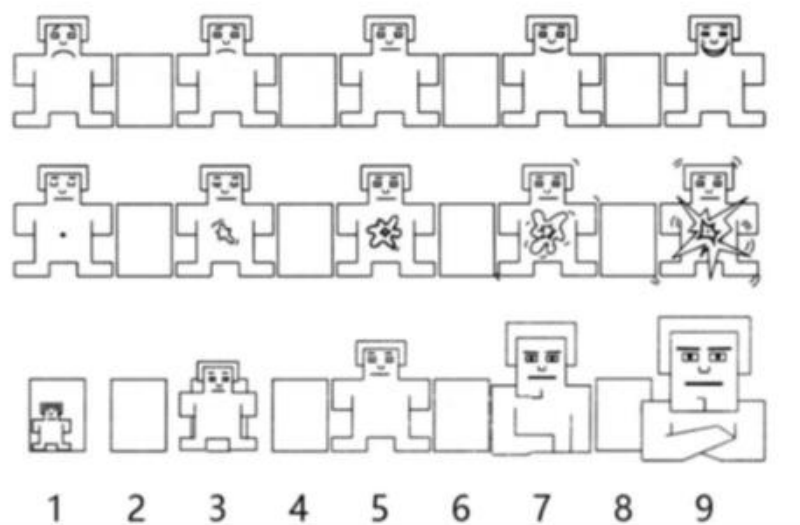
Self-Assessment Manikin (SAM)

(Yang et al., 2018)

Recorrendo à escala gráfica de nove níveis para cada dimensão: valência (1= infeliz a 9= feliz); excitação (1= relaxado/sonolento a 9= excitação); dominância (1= ser controlado a 9= controlar), indique em que medida se sentiu ao ler cada uma das histórias apresentadas.



Recorrendo à escala gráfica de nove níveis para cada dimensão: valência (1= infeliz a 9= feliz); excitação (1= relaxado/sonolento a 9= excitação); dominância (1= ser controlado a 9= controlar), indique em que medida se sentiu ao ouvir cada uma das músicas apresentadas.



ANEXO D

Escalas de Bem-Estar e de Mal-Estar Emocional

Escalas de Bem-Estar e de Mal-Estar Emocional

Versão Portuguesa de Runa & Miranda, 2015

Emoções positivas ao bloco de histórias que lhe foi apresentado.

A escala que se segue consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções positivas. Utilize a escala (de 0 a 3) para cada uma das opções:

0= nada, 1= um pouco, 2= bastante e 3= muito

Como se sentiu ao ler as histórias que lhe foram apresentadas? Que **emoções positivas** sentiu?

Emoções positivas	0	1	2	3
Satisfação				
Entusiasmo				
Orgulho				
Otimismo				
Competência				
Alegria				
Alívio				
Serenidade				
Euforia				
Segurança				
Tranquilidade				
Perseverança				
Acompanhamento				
Confiança				
Orientação				
Atração				
Reconhecimento				
Agradecimento				
Poder				
Estímulo				

Emoções negativas face ao bloco de histórias que lhe foi apresentado.

A escala que se segue consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções negativas. Utilize a escala (de 0 a 3) para cada uma das opções:

0= nada, 1= um pouco, 2= bastante e 3= muito

Como se sentiu ao ler o bloco de histórias que lhe foi apresentado? Que **emoções negativas** sentiu?

Emoções negativas	0	1	2	3
Aborrecimento				
Frustração				
Chateado				
Tédio				
Culpa				
Tristeza				
Insegurança				
Arrependimento				
Solidão				
Angústia/ansiedade				
Desespero				
Stresse/cansaço				
Apatia/sem vontade				
Desconfiança				
Vergonha				
Asco/repulsa				
Desorientação				
Raiva/ira				
Impotência				
Tensão/preocupação				

És tão bondoso quanto dizes ser?

O uso de medidas de autorrelato e de desempenho para avaliar a empatia na *Dark Tetrad*

Emoções positivas face ao bloco de músicas que lhe foi apresentado.

A escala que se segue consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções positivas. Utilize a escala (de 0 a 3) para cada uma das opções:

0= nada, 1= um pouco, 2= bastante e 3= muito

Como se sentiu ao ouvir as músicas que lhe foram apresentadas? Que **emoções positivas** sentiu?

Emoções positivas	0	1	2	3
Satisfação				
Entusiasmo				
Orgulho				
Otimismo				
Competência				
Alegria				
Alívio				
Serenidade				
Euforia				
Segurança				
Tranquilidade				
Perseverança				
Acompanhamento				
Confiança				
Orientação				
Atração				
Reconhecimento				
Agradecimento				
Poder				
Estímulo				

Emoções negativas face ao bloco de músicas que lhe foi apresentado.

A escala que se segue consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções negativas. Utilize a escala (de 0 a 3) para cada uma das opções:

0= nada, 1= um pouco, 2= bastante e 3= muito

Como se sentiu ao ouvir as músicas que lhe foram apresentadas? Que **emoções negativas** sentiu?

Emoções negativas	0	1	2	3
Aborrecimento				
Frustração				
Chateado				
Tédio				
Culpa				
Tristeza				
Insegurança				
Arrependimento				
Solidão				
Angústia/ansiedade				
Desespero				
Stresse/cansaço				
Apatia/sem vontade				
Desconfiança				
Vergonha				
Asco/repulsa				
Desorientação				
Raiva/ira				
Impotência				
Tensão/preocupação				

ANEXO E

Índice de Reatividade Interpessoal

IRI – Índice de Reatividade Interpessoal

Mark Davis, 1983

Adaptação Portuguesa de Teresa Limpo, Rui A. Alves e São Luís Castro, 2010

As afirmações seguintes referem-se a pensamentos e sentimentos que poderás ter tido em diversas situações. Indica em que medida cada item se descreve, escolhendo o número apropriado na escala abaixo, desde 0 (não me descreve bem) a 4 (descreve-me muito bem), assinalando com um “X”. Lê com atenção cada item antes de responderes. É importante que as tuas respostas sejam sinceras e honestas.

Não me descreve bem					Descreve-me muito bem	
0	1	2	3	4		

	0	1	2	3	4
1. Tenho, muitas vezes, sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas com menos sorte do que eu.					
2. De vez em quando, tenho dificuldade me ver as coisas do ponto de vista dos outros.					
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.					
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.					
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo (a).					
6. Habitualmente, mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.					
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.					
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.					
9. Por vezes, tento compreender melhor os meus amigos, imaginando a sua perspetiva de ver as coisas.					
10. É raro ficar completamente envolvido(a) num bom livro ou filme.					
11. Quando vejo alguém ficar ferido, tenho tendência a permanecer calmo(a).					
12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.					
13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.					
14. Estar numa situação emocional tensa, assusta-me.					
15. Geralmente, sou muito eficaz a lidar com emergências.					
16. Fico, muitas vezes, emocionado(a) com coisas que vejo acontecer,					

És tão bondoso quanto dizes ser?

O uso de medidas de autorrelato e de desempenho para avaliar a empatia na *Dark Tetrad*

17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.					
18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.					
19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.					
20. Tenho tendência a perder o controlo em situações de emergência.					
21. Quando estou aborrecido(a) com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.					
22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.					
23. Quando vejo alguém numa emergência a precisa muito de ajuda, fico completamente perdido(a).					
24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.					

ANEXO F

Basic Empathy Scale

Basic Empathy Scale

Jolliffe, 2005

Versão portuguesa de Nobre Lima, Rijo & Matias, 2011

As afirmações seguintes revelam características que poderão ou não ser semelhantes às tuas. Para cada uma delas assinala com uma cruz (X) a opção que melhor indica o quanto concordas ou discordas com a afirmação. Não te esqueças de responder a TODAS as afirmações, com toda a honestidade.

	Discordo totalmente	Discordo pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo pouco	Concordo totalmente
1. Não me deixo afetar muito pelo que os meus amigos estão a sentir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sempre que estou com um amigo que está triste com alguma coisa, a seguir costumo sentir-me triste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sou capaz de compreender a alegria de um amigo meu quando se sai bem em alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Tenho dificuldade em perceber quando os meus amigos estão assustados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não fico triste quando vejo alguém a chorar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não me incomoda nada com os sentimentos das outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Quando alguém está em baixo, habitualmente consigo compreender aquilo que está a sentir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Habitualmente consigo perceber quando os meus amigos estão com medo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Costumo ficar triste quando vejo coisas tristes na televisão ou em filmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Habitualmente consigo perceber como as pessoas se estão a sentir, mesmo antes de elas me dizerem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- | | | | | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 11. Ver uma pessoa que está irritada não tem qualquer impacto nos meus sentimentos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Habitualmente consigo perceber quando as pessoas estão animadas e alegres. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13. Habitualmente percebo logo quando um amigo está zangado. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14. Facilmente me deixo contagiar pelos sentimentos dos meus amigos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15. A tristeza dos meus amigos não mexe nada comigo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16. Tenho alguma dificuldade em perceber quando os meus amigos estão contentes. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

ANEXO G

Músicas

Música de treino	“Something Just Like This” – Coldplay ft. Chainsmokers
Músicas alegres	“Locked Out Of Heaven” (instrumental) – Bruno Mars “Under the Sea” (instrumental) – Filme “A pequena sereia” “I just can’t wait to be king” – Filme “O Rei Leão”
Músicas neutras	“From American Sex Appeal to the First Fellini” – Ennio Morricone “Cadillac of the Skies” “Secrets” (instrumental) – OneRepublic
Músicas tristes	“Comptine d’un autre ete” – Yann Tiersen “Una Mattina” – Ludovico Einudi “River Flows in You” – Yiruma

ANEXO H

Histórias

<p>História de treino</p>	<p>A horta: Há dois anos atrás tomei a decisão de ter uma alimentação mais saudável e consumir mais produtos frescos. Como sempre gostei de jardinagem, decidi aventurar-me e construir a minha própria horta, aproveitando o quintal das traseiras da minha casa, que estava ao abandono. Comecei por utilizar vasos que tinha por ali e decidi plantar tomates, alfaces, morangos e ervas aromáticas. Como me desenvencilhei bastante bem, decidi escavar a terra, fazer canteiro e até uma pequena estufa de plástico para aumentar e diversificar a minha produção. Assim, atualmente também tenho na minha horta cebolas, batatas, cenouras, pepinos, abóboras e melão. Desta forma, consigo ter sempre alimentos frescos e biológicos para fazer saladas ou sopas. De vez em quando, os meus vizinhos vêm bater-me à porta quando precisam de alguma coisa de última hora. Será que isso é uma vantagem ou uma desvantagem de viver num meio pequeno?</p>
<p>Alegre 1</p>	<p>Estou rico: Eu não podia acreditar no que via. Toda a família estava aos saltos na sala, agarrados uns aos outros e a chorar. Tinha apostado, nessa tarde, no Euromilhões. Todas as semanas jogava com o mesmo conjunto de números, mas alguma coisa me fez mudar de ideias. Pedi aos meus netos que dissessem números e fui preenchendo o boletim; à minha mulher, que sempre vi como a minha sorte grande, pedi que me dissesse os números para as duas estrelas. E assim foi. Um boletim feito do zero, totalmente ao acaso. Será coisa do destino? Não pude crer quando, nessa noite, foi feito o sorteio e, um a um, foram sendo ditos todos os números que eu tinha selecionado. Incrédulo, levantei-me do sofá e aproximei-me da televisão, para me certificar que os meus olhos não me engavam. Fitei a minha mulher, que chorava sem controlo. Os miúdos estavam eufóricos. E eu, a tremer e com um fio de voz, só consegui dizer: “estou rico!”.</p>
<p>Alegre 2</p>	<p>Mi casa, su casa: O dia em que, finalmente, abri a porta da nossa casa está gravado com todos os detalhes na minha memória. Depois de vários meses de procura intensiva e de processos burocráticos, tínhamos encontrado a casa ideal. Poupámos durante anos para poder dar entrada, tínhamos receio que o empréstimo não fosse possível, mas por fim o processo estava concluído. Nem podíamos acreditar que era possível riscar aquele item da nossa <i>Bucket List</i>. Na noite anterior, mal consegui dormir. Ela dormia pacificamente ao meu lado. Será que sempre soube que íamos conseguir? Passaram 25 anos desde aquele dia, os nossos filhos já saíram de casa e andam por aí a conquistar os seus sonhos. Nós continuamos aqui. Na casa onde a nossa família começou, onde se reúne todos os anos nas ocasiões importantes. Na casa que é o nosso abrigo. Ao fim destes 25 anos, continua a não existir nenhum sítio melhor para estar do que a nossa casa.</p>
<p>Alegre 3</p>	<p>Vou proteger-te sempre: Já vivenciaste algum momento perante o qual, anos depois, continuas sem palavras? Parece que foi ontem que vi a minha irmã pela primeira vez. Depois de vários anos a pedir um irmão aos meus pais, consigo lembrar-me do entusiasmo com que me deram a notícia. Naquele verão, a família</p>

	<p>ia aumentar. Se parar para pensar nisso, ainda hoje abro o sorriso gigante que abri naquele dia.</p> <p>No dia que a fui ver à maternidade, parecia que tinha bichos carpinteiros, não conseguia parar quieta. Estava tão focada no facto de ir ver a minha irmã pela primeira vez, que quase me esqueci que a minha mãe estava ali e que não a via há alguns dias. Muito ciente da minha nova função de irmã mais velha, sentei-me na cadeira e coloquei os braços de modo que me pudessem pôr a bebé no colo. E fiquei assim, longos minutos, a observar aquele ser pequenino a dormir. Nos dias que correm, ainda me faltam palavras para descrever o momento.</p>
Neutra 1	<p>Livro de Receitas:</p> <p>Achei curioso o nome do mais recente livro de receitas de Madalena Aboim, lançado no mês passado: “Receitas para Universitários”. O livro foi apresentado numa pequena livraria da terra natal da autora e contou com a presença de vários familiares e amigos. Neste evento, a autora afirmou que, tal como o próprio título indica, o livro é dirigido aos estudantes universitários que, quando saem de casa dos pais, costumam ter dificuldades em inovar na cozinha, por acharem que lhes vai roubar muito tempo. Neste livro, Madalena ensina várias receitas deliciosas e que nunca ultrapassam os 30 minutos de confeção.</p> <p>Já paraste para pensar quantas vezes acabas a comer leite com cereais por teres preguiça de cozinhar? Essa foi principal razão pela qual o livro me chamou à atenção: ter-me identificado com a situação de um estudante universitário sem motivação para cozinhar. Acredito que possa ser um livro útil.</p>
Neutra 2	<p>Aula de Zumba:</p> <p>Há uns meses decidi experimentar uma aula de Zumba. Sinto que tenho de fazer exercício físico, mas não há nenhum desporto, coletivo ou individual, que me cativa e também não gosto de ir ao ginásio. Será que sou a única que nunca se interessou por desporto no geral? Eu sei que faz bem, ao corpo e à mente, mas não consigo achar interessante a prática de desporto no geral.</p> <p>Lá me inscrevi na Associação Cultural e Recreativa aqui da zona. Não fui por recomendação de ninguém, vi um anúncio numa rede social e contactei a associação. Quando lá cheguei eram só mulheres, mas o professor era um homem. Não conhecia nenhuma delas, mas talvez isso me permitisse estar mais à vontade para experimentar. A aula durou cerca de uma hora e, no final, fui para casa. Gostei e acho que vou continuar. Nesse dia não consegui decorar o nome de nenhuma das minhas colegas, mas fiquei a saber que o professor se chama Tadeu.</p>
Neutra 3	<p>Centro Comunitário:</p> <p>Li no jornal da região que, no passado dia 18 de novembro, foi inaugurado o novo centro comunitário do concelho de Castelares, localizado em Pedril. O Centro Social de Pedril é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e pretende dar resposta às necessidades da população local, agregando uma diversidade de serviços e atividades: creche, jardim de infância e centro de atividades de tempos livres (CATL), centro de dia, serviço de apoio domiciliário e estrutura residencial para idosos.</p>

	<p>Na cerimónia de inauguração, a Diretora do Centro, Cláudia Bastos, recebeu o Presidente da Câmara Municipal de Castelares, Eugénio Laginha, e a Presidente da Junta de Freguesia de Pedril, Jéssica Coelho. Acho que a existência deste centro terá importância não só para o concelho de Castelares como para os concelhos adjacentes. Não seria importante que houvesse mais centros destes em todo o país?</p>
Triste 1	<p>Ainda sou capaz: Já paraste para pensar naquelas pessoas cuja missão de vida é ajudar quem precisa? Estas pessoas passam a maior parte do seu tempo livre a fazer voluntariado e eu nunca tinha parado para pensar no valor da ajuda que essas pessoas prestam. Esta semana conheci um jovem da minha idade, que, porque foi despedido não tem casa nem dinheiro, pede comida na rua. Um acidente sofrido na fábrica de betoneira onde trabalhava deixou-lhe limitações físicas. Não consegui ficar indiferente à sua história e ofereci-lhe uma refeição quente. Durante a refeição, fui pensando o que mais poderia fazer por ele e decidi acompanhá-lo a uma instituição ali perto, que ajuda pessoas sem-abrigo, dando-lhes comida, roupa e sítio onde dormir. É triste pensar que sem um novo emprego este rapaz continuará na miséria. Para ele será difícil arranjar trabalho, porque as suas limitações físicas são vistas como um impedimento.</p>
Triste 2	<p>Continuo aqui: Uma auxiliar que trabalhava no local onde fiz o meu estágio contou-me, certo dia, uma história da qual me recordo frequentemente: ela disse-me que trabalhou numa instituição que prestava cuidados a pessoas com demência, tendo reparado um dia numa senhora com demência que estava numa consulta médica, acompanhada pela sua filha. O médico passou o tempo da consulta a fazer uma quantidade excessiva de observações diagnósticas e detalhes técnicos, usando terminologia clínica e dando conselhos à filha, sem sequer olhar para a senhora. Esta, por sua vez, esperava pacientemente que o erudito médico terminasse o seu discurso. Por fim, o médico perguntou à filha se tinha alguma dúvida em relação à situação da sua mãe. Foi então que a senhora se dirigiu ao médico e disse: “Tenho demência, mas continuo aqui. Então, agora que acabou de dizer todas estas coisas à minha filha, pode agora falar comigo?”.</p>
Triste 3	<p>Eu não sou estúpido: Trabalhei há alguns anos numa escola para alunos com necessidades educativas especiais. Foi nessa escola que conheci vários alunos com histórias de vida difíceis, daquelas que vemos na televisão e que achamos que só acontecem aos outros. Os alunos desta escola eram miúdos especiais e com muito para ensinar aos mais velhos, que acham que já sabem tudo sobre a vida. Um desses alunos era um menino de 13 anos, que tinha síndrome de Down. Certo dia, esse aluno pediu para falar comigo e disse-me: “Sabes? eu sei que não sou muito inteligente, porque tenho aquele síndrome e acho que ainda o vou ter durante uns bons tempos... mas eu odeio quando as pessoas falam comigo como se eu fosse estúpido”. Naquele dia, aprendi bastante com aquele jovem muito perspicaz. E tu, alguma vez subestimaste alguém apenas porque ser diferente de ti ou simplesmente porque as suas características não se enquadram na norma?</p>

ANEXO I

Certificado de participação



Certificado

Certifica-se, para os devidos fins que,

participou num estudo experimental, conduzido pela aluna Joana Pereira, com o título "És tão bondoso quando dizes ser? O Uso de Medidas de Autorrelato e de Desempenho para avaliar a Empatia na Dark Tetrad", orientado pela Professora Ana Teresa Martins e pelo Professor Luís Faisca, no Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde.

A Aluna responsável

(JOANA GOMES PEREIRA)